

FUNDAÇÃO MÁRIO LEAL FERREIRA



FMLF Fundação Mário
Leal Ferreira

A Biblioteca do Planejamento Urbano de Salvador: memória e gestão documental

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR
FUNDAÇÃO MÁRIO LEAL FERREIRA
Diretoria de Planejamento e Informações — DPI
Gerência de Informações - GEINF
Subgerência de Acervo Técnico e Biblioteca — ATBI

A BIBLIOTECA DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR

Memória e Gestão Documental

Salvador, 2026

FUNDAÇÃO MÁRIO LEAL FERREIRA

PRESIDENTE: Tania Scofield Almeida

CHEFE DE GABINETE: Fagner Cordeiro Dantas

DIRETORIA DE PROJETOS DE ENGENHARIA: Ana Cândida Pinheiro Cavalcante Melo

DIRETORIA DE PROJETOS URBANÍSTICOS: Nise Maria Serrano Pereira Cartaxo

DIRETORIA DE PROJETOS ESTRUTURANTES: Yveline Bancillon Vasconcelos Hardman

DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E INFORMAÇÕES: Fernando Sergio Barbosa Teixeira

EQUIPE RESPONSÁVEL

Tiago Ribeiro Santos — Gerente de Informações

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva — Subgerente de Acervo Técnico e Biblioteca

Luciana Dórea Martinez Carreiro – Chefe de Referência e Processamento Técnico

Bárbara Cirineu de Jesus – Chefe de Atendimento ao Usuário

Hilda Maria de Melo Ferreira Conceição – Bibliotecária / Especialista em Arquivologia

Pesquisa e textos: Lucimar Oliveira Carneiro da Silva

Revisão: Hilda Maria de Melo Ferreira Conceição

Maria Auxiliadora da Silva Lobão

Juliana Cunha

Fundação Mário Leal Ferreira

A Biblioteca do Planejamento Urbano de Salvador:
memória e gestão documental / Fundação Mário Leal
Ferreira, Diretoria de Planejamento e Informações, Gerência
de Informações, Subgerência de Acervo Técnico e
Biblioteca; Pesquisa e Textos: Lucimar Oliveira Carneiro da
Silva. – Salvador, 2026
102 p.: il.

1. Planejamento urbano - Salvador (BA). 2. Gestão
Documental. 3. Bibliotecas Especializadas - Memória. I.
FMLF. II. Silva, Lucimar Oliveira Carneiro da. III. Prefeitura
Municipal do Salvador. IV. Título.

CDU: 002.6:061

Ficha catalográfica elaborada por
Luciana Dórea Martinez Carreiro
CRB-5/1225

PALAVRA DA PRESIDENTE

A Biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira há mais de 50 anos cumpre um papel essencial na preservação e difusão de informações sobre Salvador. Ao longo desse tempo, tornou-se um importante centro documental para quem busca conhecer melhor a história, o planejamento e o desenvolvimento urbano da cidade. É um lugar onde conhecimento e memória caminham juntos, apoiando pesquisadores, estudantes e qualquer pessoa interessada em entender Salvador em suas múltiplas dimensões.

Além de guardar documentos e publicações, a Biblioteca também atua como um centro de divulgação de obras voltadas ao planejamento urbano e ao desenvolvimento da capital baiana. Seu acervo reúne estudos, projetos, mapas, relatórios e publicações que ajudam a contar como Salvador foi pensada e transformada ao longo das décadas.

Para quem pesquisa ou simplesmente deseja aprofundar seu conhecimento sobre a cidade, a Biblioteca oferece um acervo de grande valor. Ali estão reunidas referências importantes sobre a evolução urbana, social e territorial de Salvador, tornando o espaço uma fonte permanente de consulta para pesquisadores, técnicos, estudantes e cidadãos.

Nos últimos anos, a biblioteca também passou por um processo de modernização para garantir ainda mais cuidado com esse patrimônio documental. Em 2017, foram implantados arquivos deslizantes que melhoraram as condições de armazenamento e proteção do acervo, garantindo mais organização, conservação e segurança para os documentos.

Hoje, além do acesso presencial, todo o catálogo da biblioteca está disponível na internet, e grande parte do acervo já pode ser consultada online. Isso amplia o alcance do conhecimento produzido sobre Salvador e reforça o papel da Biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira como um importante legado para as gerações futuras.

Tania Scofield Almeida

Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira

APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas cinco décadas, a Prefeitura de Salvador, a sociedade, as formas de trabalho e os suportes da informação passaram por profundas transformações. Em meio a essas mudanças — nos processos de trabalho, nos suportes documentais, na estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS) e na própria dinâmica da sociedade civil —, a Biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) consolidou-se como referência em qualidade e confiabilidade informacional sobre o desenvolvimento territorial da cidade.

O presente documento foi elaborado com o objetivo de registrar essa trajetória e de assegurar a permanência da Biblioteca como espaço de memória e de gestão dos documentos relativos ao planejamento urbano de Salvador.

LISTA DE SIGLAS

Sigla	Descrição
ATBI	Subgerência de Acervo Técnico e Biblioteca
Cadlog	Cadastro de Logradouros
Conder	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
DOM	Diário Oficial do Município
Epucs	Escritório do Planejamento Urbano da Cidade de Salvador
FMLF	Fundação Mário Leal Ferreira
GT	Grupo de Trabalho
ISP/UFBA	Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público da Universidade Federal da Bahia
LOUOS	Lei de Ordenamento, Ocupação e Uso do Solo
Oceplan	Órgão Central de Planejamento
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
Plandurb	Plano de Desenvolvimento Urbano
PMS	Prefeitura Municipal de Salvador
Sedham	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Habitação e Meio Ambiente
Sedur	Secretaria de Desenvolvimento Urbano
Sucom	Superintendência de Uso e Ocupação do Solo Secretaria Municipal de Urbanismo
Udoc	Unidade de Documentação e Informação

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	Descrição	Página
Figura 1	Código de Urbanismo	17
Figura 2	Portaria 025/1978	19
Figura 3	Boletim Informativo	20
Figura 4	Órgãos produtores de documentos	23
Figura 5	Livro Epucs: uma experiência em planejamento	25
Figura 6	Livro Disponibilidade de terras	26
Figura 7	Divisão do Município de Salvador	27
Figura 8	Planta das áreas verdes	28
Figura 9	Texto do PDDU 1985	30
Figura 10	PDDU 1985 (livro)	30
Figura 11	LOUOS 1984 e 2016	31
Figura 12	CDs PDDU e LOUOS	32
Figura 13	CDs PDDU 2004 e Cadlog	33
Figura 14	CDS PPDU e Neoinventário	34
Figura 15	Fotografias aéreas	35
Figura 16	Ortofoto	36
Figura 17	Atlas parcial da cidade	37
Figura 18	Plantas do Plandurb	38
Figura 19	Clippings sobre a Feira de São Joaquim	39
Figura 20	Biblioteca Informa	40
Figura 21	Primeiro e último número da Revista Veracidade	41
Figura 22	Visita do prefeito ao Vale das Pedrinhas em 1982	42
Figura 23	Nordeste de Amaralina	43
Figura 24	Coqueiral de Amaralina	43

Figura	Descrição	Página
Figura 25	BR-324 em 1983	44
Figura 26	Barraca de praia em 1991	45
Figura 27	Boca do Rio em 1982	45
Figura 28	Urbanização da Pituba (1974-76)	46
Figura 29	Prefeito no Vale do Camurujipe (1980-85)	46
Figura 30	Calabar em 1978	47
Figura 31	Suburbana em 1992	48
Figura 32	Avenida 7 em 1992	48
Figura 33	Estação da Lapa, 1995	49
Figura 34	Imbuí	49
Figura 35	Planta do Projeto Curuzu	51
Figura 36	Livro Plano da Ilha de Maré	52
Quadro 1	Acervo da Biblioteca da FMLF em maio/2025	55

SUMÁRIO

1	BREVE HISTÓRICO DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR	14
2	A ESTRUTURA DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR E SEUS DOCUMENTOS	17
3	O ACERVO DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR	22
3.1	PLANDURB	24
3.2	PLANOS DIRETORES E LOUOS	29
3.3	DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E FOTOS AÉREAS	34
3.4	PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS	38
3.5	FOTOGRAFIAS	42
4	MUDANÇAS NOS PROCESSOS DE TRABALHO E SERVIÇOS	50
5	NOSSO ACERVO, SERVIÇOS E PRODUTOS	53
6	EQUIPE DA BIBLIOTECA DA FMLF AO LONGO DO TEMPO	57
7	CURIOSIDADES SOBRE A BIBLIOTECA DA FMLF	62
8	SEDES DA BIBLIOTECA DA FMLF	64
	REFERÊNCIAS	65
	ANEXOS	67

1. BREVE HISTÓRIA DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR

14

"Creio que a razão de ser da Bibli.FMLF é exatamente a de disponibilizar à sociedade ferramentas para conhecer, pensar e transmitir saberes às gerações futuras."

(Luis Antonio Souza, professor e pesquisador da Uneb. Entrevista, 2025)

A gênese da cidade do Salvador remonta à sua concepção como empreendimento planejado, por ordem de D. João III, Rei de Portugal, sob a execução de Tomé de Souza, primeiro Governador-Geral do Brasil. Historiadores como Luís Henrique Dias Tavares, Affonso Ruy e Carlos Ott atestam que a implantação da cidade seguiu o projeto do mestre de obras Luiz Dias, em conformidade com os padrões construtivos e urbanísticos portugueses da época. A expansão subsequente, contudo, deu-se de maneira não regulamentada: Salvador, que nascera como cidade planejada, desenvolveu-se ao longo dos séculos de forma desordenada.

Na década de 1940, a Prefeitura manifestou interesse em retomar o planejamento urbano e contratou o engenheiro Mário Leal Ferreira para essa finalidade. Foi então instituído o Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (Epucs), que, sob a coordenação de Mário Leal Ferreira, elaborou um abrangente plano para a cidade.

A história do planejamento urbano de Salvador encontra-se detalhadamente descrita no artigo de Paulo Segundo da Costa, "De Luiz Dias a Mário Leal Ferreira", publicado na *Revista Veracidade* em 2011 e disponível na Biblioteca da

FMLF. A primeira obra da Coleção Plandurb — *Epucs: uma experiência em planejamento urbano* (1976) —, que reuniu os estudos do Epucs, também documenta esse histórico e integra o acervo da Biblioteca. Hugo Gama, por sua vez, compilou a trajetória do planejamento urbano soteropolitano na obra *A urbanização de Salvador em três tempos — Colônia, Império e República* (2011), igualmente pertencente ao acervo, embora disponível apenas para consulta presencial, sob a notação URB-697. Há, naturalmente, outras obras que versam sobre a fundação e a evolução da cidade; não cabe aqui, todavia, um aprofundamento nessa direção, uma vez que o propósito deste trabalho é resgatar a história da Biblioteca da FMLF e de seu acervo.

"O que mais despertou minha atenção, no entanto, foi o acervo cartográfico. Mapas de toda a cidade e da cidade toda, que me apresentaram Salvador de uma maneira como nunca a havia visto ou suspeitado: a geografia peculiar, a relação com o oceano e a baía, a localização dos bairros, o viário; a cidade, enfim."

(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

Não é possível tratar do acervo da Biblioteca sem registrar que a documentação mais antiga, anterior à década de 1970, encontra-se custodiada pelo Arquivo Público de Salvador, incluindo os documentos do Epucs, tratados, restaurados e estudados pela professora Ana Fernandes (FAU-UFBA). Os resultados desse trabalho estão publicados em duas obras: *Acervo do Epucs: contextos, percursos, acesso* (2014) e *Epucs: exposição-álbum — o Epucs e a cidade de Salvador nos anos 1940* (2019).

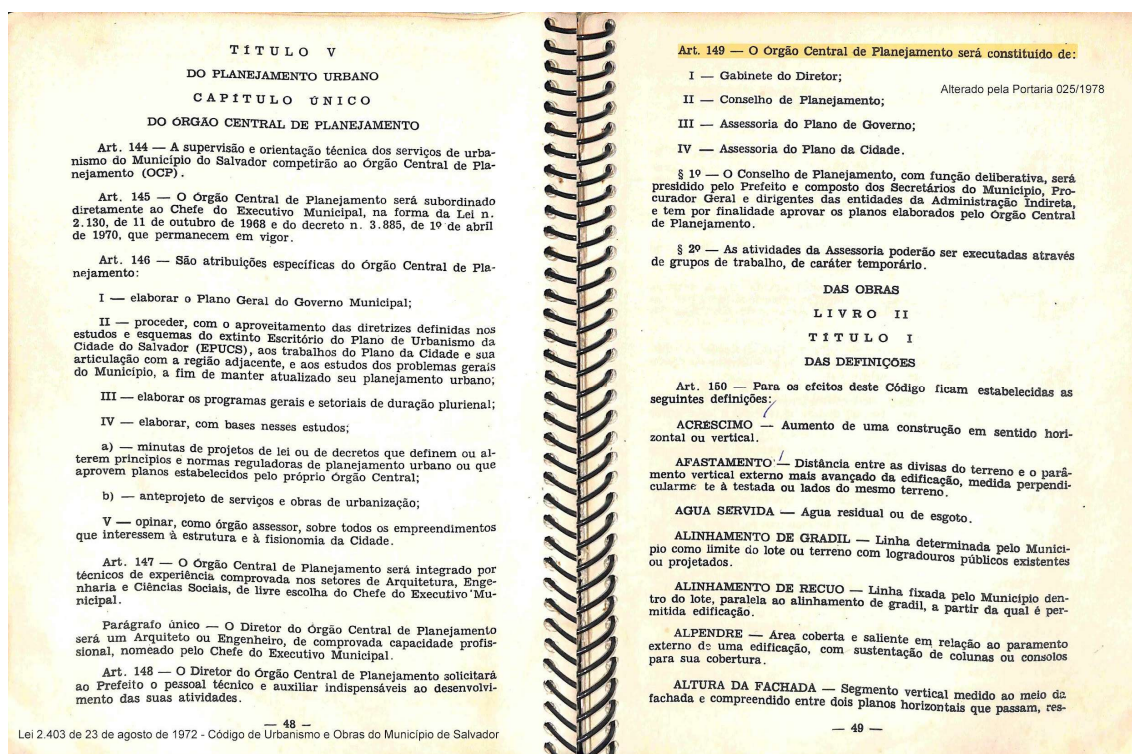
A Biblioteca da FMLF detém o maior acervo sobre o planejamento da cidade, embora não disponha de sua totalidade, uma vez que não havia — como ainda não há — uma política de gestão documental instituída na PMS. A concentração desse acervo deve-se, sobretudo, à importância que o órgão de planejamento atribuiu ao próprio trabalho e à relevância dos documentos por ele produzidos.

2. A ESTRUTURA DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR E OS DOCUMENTOS

17

Em 1972, o planejamento da cidade estava a cargo do Órgão Central de Planejamento (Oceplan), criado pelo Código de Urbanismo (art. 149 da Lei 2.403, de 23 de agosto de 1972).

Figura 1 - Código de Urbanismo



Fonte: Lei 2.403 de 23 de agosto de 1972 - Código de Urbanismo e Obras do Município de Salvador. Disponível em <http://biblioteca.fmlf.salvador.ba.gov.br/phl82/pdf/livros/LEJ-106.pdf>

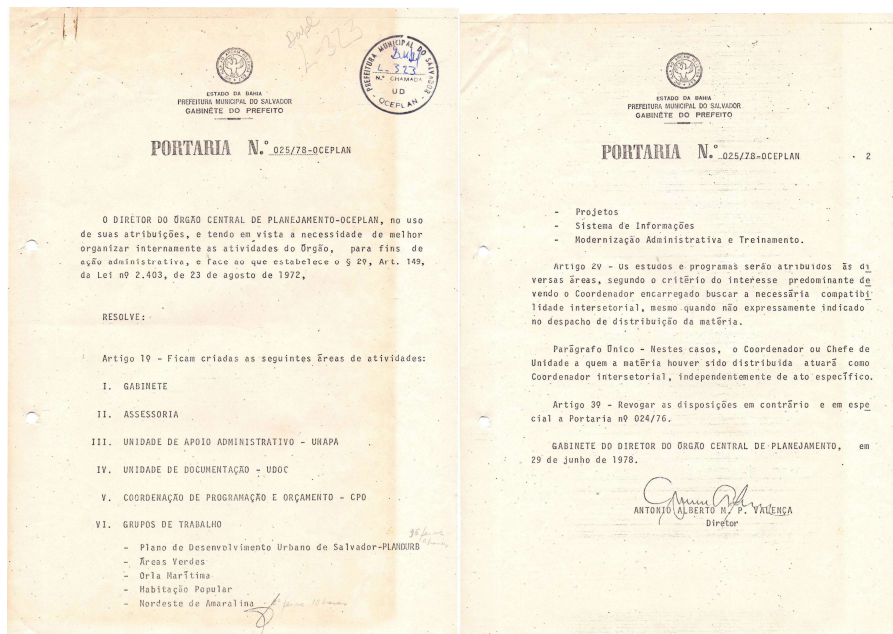
Em 1978, a estrutura do Oceplan foi modificada pela Portaria 025/1978, que criou a Unidade de Documentação (Udoc) e os grupos de trabalho responsáveis pelos principais estudos do planejamento urbano de Salvador, referência até os dias atuais: o Plandurb e, a partir dele, os GTs de Áreas Verdes, Orla Marítima, Habitação Popular, Nordeste de Amaralina, Sistema de Informações, Modernização Administrativa e Treinamentos. Os estudos realizados por esses GTs geraram um volume expressivo de documentos, que foram tratados e preservados pela Udoc.

18

"O Oceplan veio para revolucionar a gestão e a vida da cidade, e conseguiu. Nós, os técnicos que compusemos a equipe de trabalho ali no Jardim Baiano, atuávamos com dedicação, num clima de entusiasmo e compromisso. O Assessor-Chefe era Waldeck Ornelas, que, por seu nível intelectual, foi um dos maiores colaboradores para a formação da biblioteca, mediante não só a sugestão de títulos, como também a liberação de recursos para compra."

(Nídia Lubisco, primeira bibliotecária da Biblioteca do Oceplan. Entrevista, 2025)

Figura 2 - Portaria 025/1978

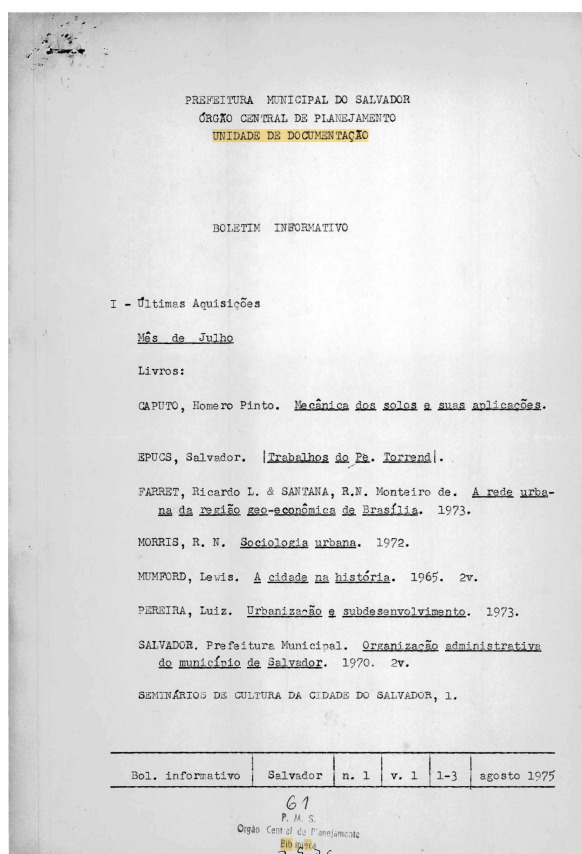


Fonte: Biblioteca da FMLF (Memória)

"É possível constatar um período de efervescência no planejamento urbano da cidade, com a elaboração de estudos, planos, programas, projetos etc., e a Biblioteca participando ativamente desse processo, prestando todo o suporte documental e informacional e dando continuidade à formação do acervo especializado iniciado em 1975."

(Hilda Conceição, bibliotecária. Entrevista, 2025)

Figura 3 - Boletim Informativo



Fonte: Biblioteca da FMLF (Memória)

As modificações na estrutura da PMS e do Oceplan se davam, à época, de forma diferente da atual, em que são feitas por meio de leis. A criação da Udoc, por exemplo, deu-se por portaria assinada pelo diretor do órgão. Embora formalmente criada pela Portaria 025/1978, já em 1975 a Udoc publicava o *Boletim Informativo*, com dados sobre novas aquisições de itens bibliográficos — indício de que começou a funcionar antes do ato formal de sua criação.

"O suporte informacional se dava por meio do atendimento presencial e/ou por telefone, e também pela Disseminação Seletiva da Informação — DSI, por meio dos Boletins Informativos elaborados periodicamente."

(Hilda Conceição, bibliotecária. Entrevista, 2025)

Em um projeto de reforma administrativa para o Oceplan, elaborado em 1978 por uma consultoria do ISP/UFBA no âmbito do Plandurb, figurava na proposta de nova estrutura a Coordenação de Documentação e Informação, cuja finalidade seria organizar, preservar e divulgar o acervo documental, bem como coletar, organizar e sistematizar as informações de interesse técnico para o planejamento municipal. Nas orientações para a elaboração do Regimento do Oceplan, produzidas pela mesma consultoria, constava:

"Serviço de Documentação: organização, preservação e divulgação do acervo bibliográfico de interesse técnico, no âmbito do Oceplan; organização do arquivo técnico especializado."

Desde o início, portanto, a Biblioteca teve caráter de centro de documentação, agregando documentos bibliográficos e arquivísticos — e assim permanece até hoje. No que diz respeito aos documentos arquivísticos, os órgãos produtores são: o Oceplan (Órgão Central de Planejamento), a Seplam (Secretaria Municipal de Planejamento), o CPM (Centro de Planejamento Municipal) e a FMLF (Fundação Mário Leal Ferreira).

3. O ACERVO DO PLANEJAMENTO URBANO DE SALVADOR

22

"A riqueza do acervo reside na diversidade de documentos que abrange. São mais de 50 anos construindo, reunindo e recuperando materiais produzidos neste período — meio século! [...] Essa cobertura documental é fundamental e constitui um acervo, um patrimônio valioso que vem contribuindo para a instrução e a formação de estudantes de todos os níveis, auxiliando pesquisadores e orientando profissionais que buscam compreender a complexidade do desenvolvimento urbano do município de Salvador."

(Luis Antonio Souza, professor e pesquisador da Uneb. Entrevista, 2025)

A coleção da Biblioteca foi desenvolvida com o objetivo de subsidiar os técnicos na elaboração do primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador, aprovado pela Lei 3.525, de 11 de setembro de 1985. Para tanto, foram adquiridos documentos diversos sobre planejamento urbano, além de PDDUs de outras capitais. O acervo é composto por documentos bibliográficos e arquivísticos, com destaque para algumas coleções especiais, como a do Plandurb.

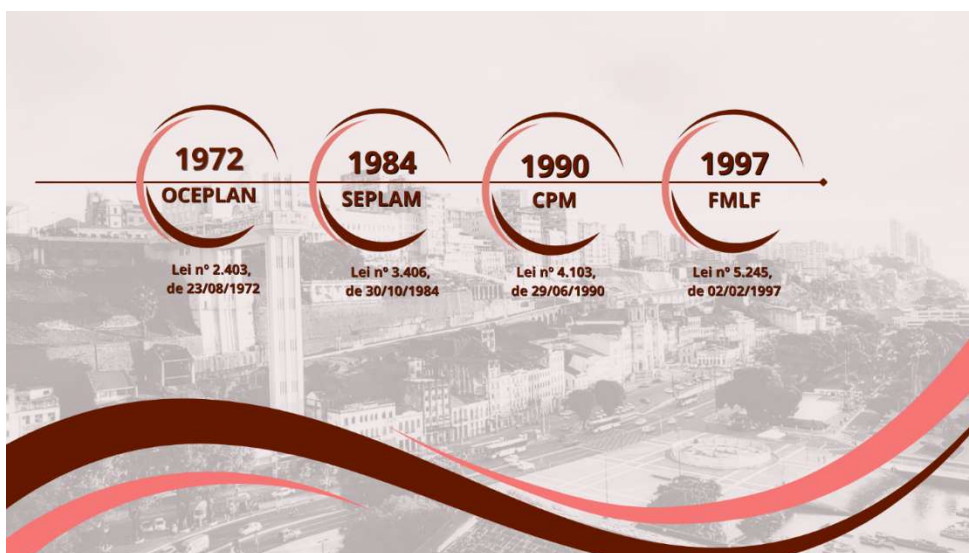
"O acervo era constituído de livros, principalmente, e de periódicos — característica da época — e era voltado para o planejamento urbano em sentido amplo, o que significava contemplar todos os temas que envolvem a vida de uma cidade: planejamento propriamente dito, urbanismo, limpeza pública, áreas verdes, bairros populares, transporte, habitação, entre outros, mas com um respaldo teórico muito relevante, resultante de indicações feitas

principalmente pelo Assessor-Chefe. [...] Na época, não se fazia distinção entre acervo arquivístico e bibliográfico."

(Nídia Lubisco, bibliotecária. Entrevista, 2025)

23

Figura 4 – Órgãos produtores de documentos



Fonte: GEINF – FMLF

"A Biblioteca foi e continua sendo uma das maiores fontes de informação sobre a cidade e seu planejamento. Para mim, ainda é a primeira referência a cada início de um novo trabalho ou na busca de respostas para algum tema sobre Salvador."

(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

3.1 Plandurb

24

O Oceplan e a retomada do planejamento urbano são indissociáveis, e o principal resultado desse processo foi a criação do GT Plandurb, que gerou expressiva quantidade de documentos. Por essa razão, o núcleo documental mais relevante da coleção da Biblioteca da FMLF é o do Plandurb.

"Seu acervo compreendia tanto publicações de autores consagrados como Castells, Mumford e Kevin Lynch quanto publicações diversas sobre a cidade e, principalmente, o registro da produção técnica do planejamento de Salvador, com destaque para os estudos do Plano de Desenvolvimento Urbano — Plandurb, concluídos no final dos anos 1970."

(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

Criado pela Portaria 025/1978, o GT Plandurb é considerado o marco da retomada do planejamento urbano de Salvador após os trabalhos do Epucs com Mário Leal Ferreira. O Plandurb sistematizou e publicou os estudos do Epucs e, a partir deles, deu sequência a investigações que ainda hoje são utilizadas no planejamento da cidade. A Coleção Plandurb é composta por 59 estudos e 83 conjuntos cartográficos, todos eles disponíveis em meio digital na Biblioteca da FMLF. Entre as publicações, destacam-se *Epucs: uma experiência de planejamento urbano* (1976) e *Disponibilidade de terras: inventário de loteamentos* (1977).

"O Plandurb, mais adiante, foi um ponto alto na gestão do diretor-executivo Sérgio Gaudenzi, que trouxe novos técnicos, como Paulo Penteado e [Roberto]

Pinho, por exemplo, da UFBA, além de especialistas de fora, a exemplo de Jaime Lerner, que havia revolucionado Curitiba."

(Nídia Lubisco, bibliotecária. Entrevista, 2025)

25

Figura 5 - Livro EPUCS: uma experiência em planejamento urbano



Fonte: Biblioteca da FMLF. Disponível em
<http://biblioteca.fmlf.salvador.ba.gov.br/phl82/pdf/livros/URB-316.pdf>

No conjunto de documentos cartográficos, destaca-se a riqueza de suportes e técnicas: a maioria das plantas é em poliéster e papel vegetal, com tamanhos e escalas variados; entre as técnicas empregadas, observam-se nanquim, letreset, letratone e cópia heliográfica colorida à mão.

"Destaco, nesse sentido, os materiais documentais do Plano de Desenvolvimento da Cidade do Salvador (Plandurb), um marco no planejamento urbano no Brasil, seja pelo ineditismo dos estudos físicos, seja pelos socioeconômicos."

(Luis Antonio Souza, professor e pesquisador da Uneb. Entrevista, 2025)

Figura 6 - Livro Disponibilidade de terras



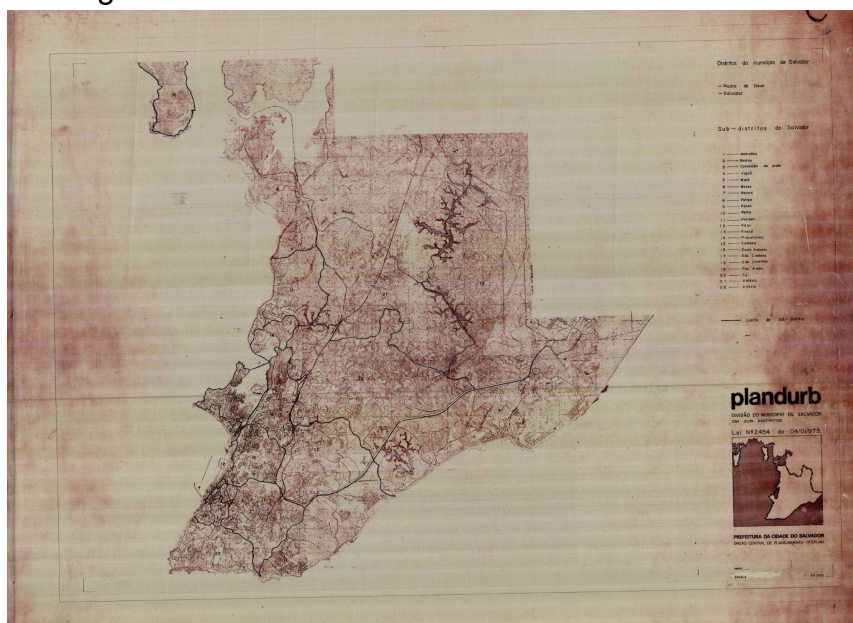
Fonte: Biblioteca da FMLF. A obra digitalizada é composta por diversos links incluindo o original datilografado; a classificação para busca é URB-177

Dessa coleção, merecem destaque dois documentos: a *Divisão do município de Salvador em distritos e subdistritos* (quatro folhas originais em vegetal, nanquim, letraset e letratone), que constitui a base cartográfica original das leis municipais de delimitação do município; e a *Área urbanizada de Salvador por bairro: estudo de áreas verdes e espaços abertos* (27 folhas originais em vegetal), base cartográfica das áreas verdes por bairros, elaborada pelo GT Plandurb como parte dos estudos de Áreas Verdes e Espaços Abertos.

"Quando se trata de planejamento, a FMLF reúne o acervo documental mais completo e sistematizado de Salvador, seja por abrigar a memória dos planos diretores recentes, seja pelos relatórios e estudos técnicos."

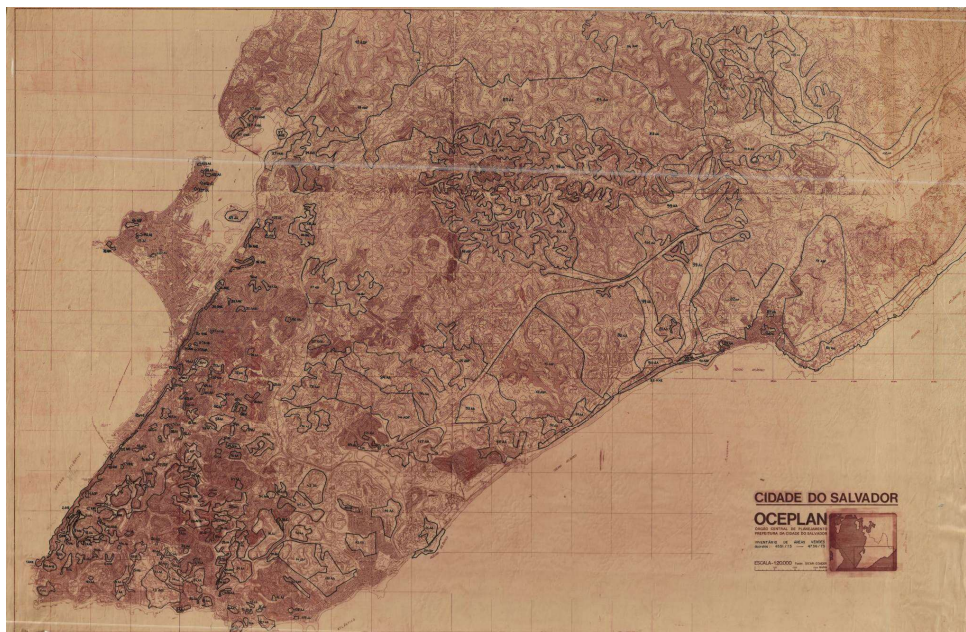
(Luis Antonio Souza, professor e pesquisador da Uneb. Entrevista, 2025)

Figura 7 - Planta da divisão de Salvador - CAR-538



Fonte: Biblioteca da FMLF

Figura 8 - Planta das áreas verdes - CAR-499



Fonte: Biblioteca da FMLF

"No OCP (1970-1972), enquanto estagiária, recebi a missão de mapear as áreas verdes de Salvador que compunham o Sistema de Áreas Verdes do Município de Salvador (1973). Esse mapa encontra-se arquivado na Biblioteca da FMLF. Foi o tema da minha tese de doutorado (2018-2023). Fiz um levantamento quantitativo sobre o que ocorreu nesse período. Salvador já havia perdido 50% de sua reserva original. Por meio da Biblioteca da FMLF, eu consegui resgatar todos os dados que comprovam o resultado da pesquisa."

(Dange Cardoso, arquiteta e pesquisadora. Entrevista, 2025)

3.2 Planos Diretores e LOUOS

29

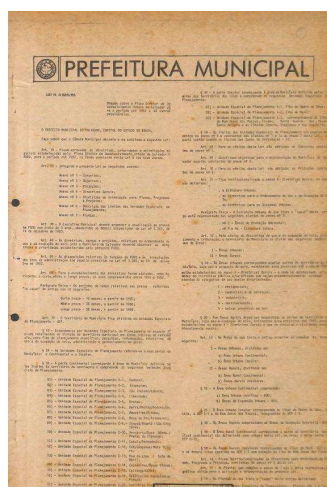
Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o plano diretor é, nos termos da Constituição Federal, o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana. Trata-se de uma lei de competência municipal na qual devem estar contemplados os aspectos físicos, econômicos e sociais almejados pela coletividade, com vistas a garantir melhor qualidade de vida para a população. O plano diretor possui, assim, função social: assegurar o acesso à terra urbanizada e regularizada, reconhecendo a todas as pessoas o direito à moradia e aos serviços urbanos de qualidade.

A Fundação Mário Leal Ferreira, e suas estruturas precedentes, foram peça-chave na elaboração de todos os planos diretores de Salvador. Por isso, a Biblioteca da FMLF possui os estudos e as minutas das leis sancionadas como Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) e como Lei de Ordenamento, Uso e Ocupação do Solo (LOUOS). Enquanto o PDDU traça as diretrizes gerais, a LOUOS estabelece os parâmetros objetivos para a implantação de empreendimentos e o exercício de atividades que visam à concretização do modelo físico-territorial definido pelo PDDU. Ambos os instrumentos operam, portanto, de forma complementar.

O primeiro PDDU data de 1985. O acervo possui o texto original da lei, publicado no Diário Oficial do Estado, além da versão publicada em livro. A Biblioteca mantém ainda a base cartográfica original do PDDU e da LOUOS, bem como os estudos que os fundamentaram.

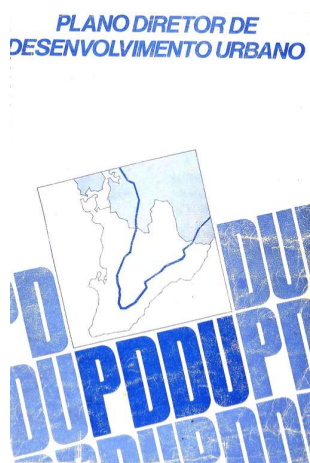
A Biblioteca da FMLF detém os estudos e as leis de todos os Planos Diretores de Salvador: Lei 3.525/1985; Lei 6.586/2004; Lei 7.400/2008; e Lei 9.069/2016 (Salvador 500).

Figura 9 - Texto do PDDU 1985



Fonte: Biblioteca da FMLF

Figura 10 - PDDU 1985 - versão publicada



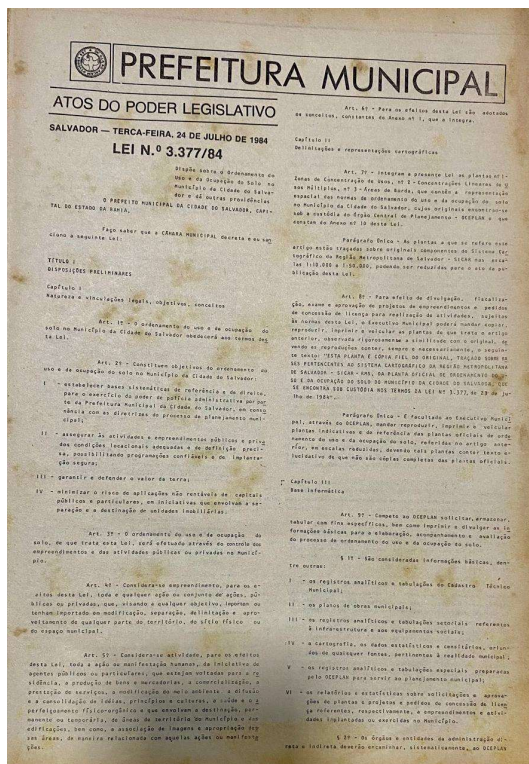
Fonte: Biblioteca da FMLF

"O acervo compreende documentos referenciais do planejamento urbano, como os estudos e toda a legislação correspondente aos planos diretores e seus instrumentos desde os anos 1970."

(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

A Biblioteca foi também uma forte aliada na divulgação da LOUOS, importante instrumento de gestão urbana. A primeira LOUOS foi instituída pela Lei 3.377/1984 e, ao longo dos anos, sofreu diversas alterações, sendo revogada apenas pela Lei 6.672/2016, no âmbito do projeto Salvador 500.

Figura 11 - LOUOS 1984 e 2016



Fonte: Biblioteca da FMLF

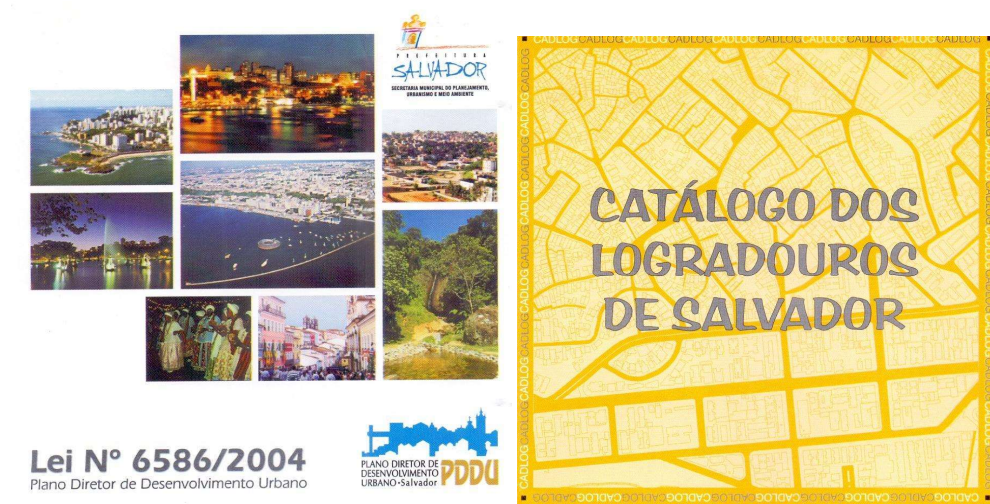
Na estrutura da Prefeitura, a FMLF não é a operadora das leis de planejamento — essa atribuição cabe à antiga Sucom, atual Sedur, responsável pela aprovação de empreendimentos e pela fiscalização do uso do solo. Contudo, pela sua vocação de atendimento ao público e pela ação complementar à Sucom/Sedur, a Biblioteca da FMLF sempre desempenhou papel de destaque na consulta e na distribuição dos instrumentos legais — primeiramente os diários oficiais, reproduzidos em cópias xerográficas, e posteriormente as versões em meio digital.

Figura 12 - CDs LOUOS versões 1.1 e 1.3



Fonte: Biblioteca da FMLF

Figura 13 - CDs PDDU e CADLOG



Fonte: Biblioteca da FMLF

Com a popularização dos meios digitais, foram produzidas diversas versões do PDDU e da LOUOS em CD e CD-ROM, comercializadas na Biblioteca da FMLF. O Cadlog (Cadastro de Logradouros) também ganhou versão digital e, em algumas edições, foi incluído na mesma mídia.

Outros documentos relevantes ganharam igualmente versões em CD ou CD-ROM, como o *Salvador em Dados*, com indicadores, mapas e dados estatísticos da cidade, e o *Neoinventário dos parcelamentos aprovados*, atualização do *Inventário de Loteamentos* constante do livro *Disponibilidade de Terras*.

Figura 14 - CDs PDDU 2004 e Neoinventário



Fonte: Biblioteca da FMLF

3.3 Documentação Cartográfica e Fotografias Aéreas

Entre os tipos de documentação mais consultados estão as fotografias aéreas — os aerofotogramas. Originalmente, o Governo do Estado encomendava os voos à empresa Cruzeiro do Sul, e a FMLF adquiria a base cartográfica da Conder. A aerofotogrametria é uma técnica de medição planialtimétrica que fornece dados precisos para a geração de cartografias. A coleção contempla os voos realizados entre 1968 e 1998 na escala 1:2.000. A partir dos anos 2000, com a consolidação do processo de digitalização, surgiram as ortofotos; a própria Prefeitura encomendou o voo de 2005–2006, composto por fotografias digitais na escala 1:8.000. A coleção de fotografias analógicas, porém, continua sendo procurada, pois permite visualizar as transformações de determinada área do território ao

longo do tempo, como alterações na cobertura vegetal ou o avanço das construções.

35

Figura 15 - Fotografias aéreas



Fonte: Biblioteca da FMLF: Aerofotograma 1976 p&b, Aerofotograma 1976 color

"A cartografia e as imagens aerofotogramétricas possibilitam acompanhar a evolução da cidade desde os anos 1960 — em alguns trechos, até de antes."

(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

Figura 16 – Ortofoto, 2006

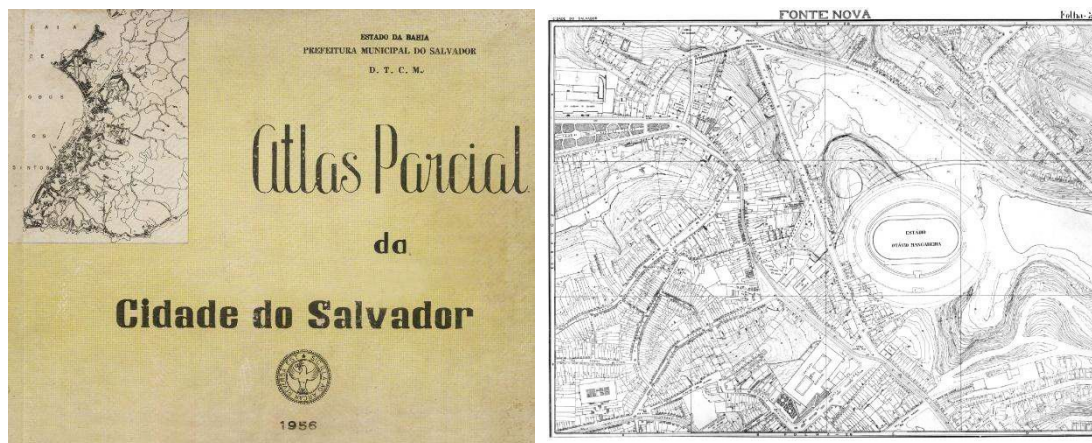


Fonte: Biblioteca da FMLF

O acervo possui itens de destaque, como o *Atlas parcial da Cidade do Salvador* (1955), composto de cópia heliográfica colada em tecido (linho), na escala 1:1.000. Embora se trate de uma cópia, a colagem em tecido e a escala lhe conferem particular relevância. Existe ainda outra versão do *Atlas parcial*, em tamanho reduzido, mais acessível para consulta e disponível digitalmente, com a relação de logradouros da época.

Figura 17 - Atlas parcial da cidade

37



Fonte: Biblioteca da FMLF Disponível em
<http://biblioteca.fmlf.salvador.ba.gov.br/phl82/pdf/livros/GEO-4.pdf>

A cartografia da Biblioteca é composta por cerca de 630 títulos entre mapas, plantas e desenhos arquitetônicos. Desse conjunto, o mais representativo é o das plantas do Plandurb: 17 títulos com aproximadamente 240 folhas em suportes, tamanhos e técnicas de desenho variados.

Figura 18 - Planta do Plandurb



3.4 Publicações Periódicas

Tradicionalmente, denomina-se hemeroteca o conjunto de publicações periódicas de uma biblioteca. Na organização da Biblioteca da FMLF, esse termo designa especificamente o conjunto de recortes de jornais (clippings). Iniciada nos anos 1980, a hemeroteca reúne recortes dos jornais locais com ênfase no planejamento e nas transformações urbanas. Os recortes são de grande relevância para pesquisadores, sobretudo no que se refere à história dos bairros de Salvador — tema sobre o qual existem poucas publicações sistemáticas. Em 2024, todos os recortes foram digitalizados e estão disponíveis eletronicamente. Desde 2017, a clipagem é feita em meio digital, tanto dos jornais quanto dos atos do Diário Oficial do Município (DOM).

Figura 19 - Clippings sobre a Feira de São Joaquim: 1990 e 2024

39



Fonte: Biblioteca da FMLF

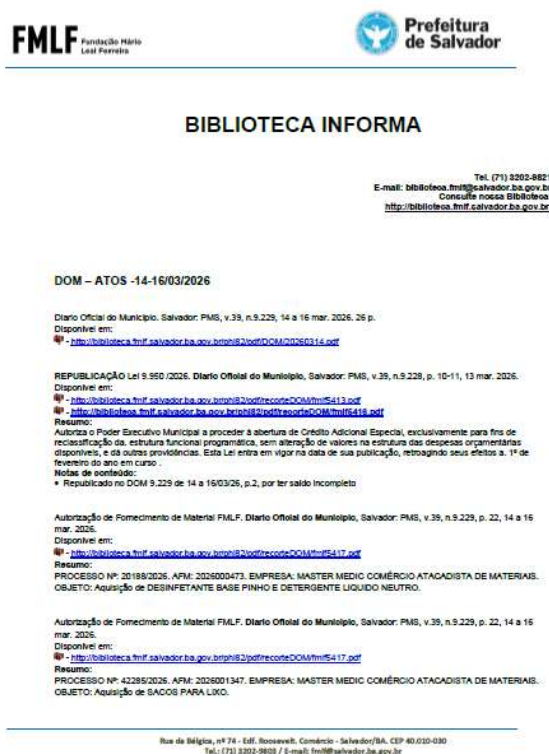
"A hemeroteca reúne uma série histórica de cinco décadas de notícias sobre o cotidiano de Salvador publicadas em jornais diários."

(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

A hemeroteca é alimentada diariamente. Além dos recortes dos jornais locais, é realizada a indexação dos atos do DOM de interesse da FMLF, o que proporciona ao pesquisador uma ampla cobertura documental. Além de manter a hemeroteca e a base atualizadas, a Biblioteca divulga um boletim por e-mail para os servidores, como ação de disseminação seletiva da informação.

Figura 20 - Biblioteca Informa

40



Fonte: Biblioteca da FMLF

"[...] elaboração de boletim informativo on-line, aquisição de novos produtos em formato digital, possibilitando maior agilidade na disseminação da informação."

(Hilda Conceição, Bibliotecária, Entrevista, 2025)

A época do CPM (Centro de Planejamento Municipal) foi uma fase de estruturação do planejamento, marcada pelo desenvolvimento de estudos mais voltados para a organização interna da Prefeitura. Foi o CPM que criou, em 1991, a *Revista*

Veracidade — periódico dedicado ao desenvolvimento urbano, à habitação e ao meio ambiente da cidade, que circulou até dezembro de 2012. Após a extinção do CPM, a Sedham manteve a publicação, que contou com artigos de autores renomados na área e promoveu debates relevantes. A Biblioteca possui toda a coleção da *Revista Veracidade*.

"Não poderia deixar de sugerir o retorno do periódico *Veracidade* ou a produção de boletins que mantivessem a comunidade atualizada quanto ao pensamento da FMLF sobre a cidade."

(Luis Antonio Souza, professor e pesquisador da Uneb. Entrevista, 2025)

Figura 21 - Primeiro e último números da Revista Veracidade



Fonte: Biblioteca da FMLF

3.5 Fotografias

42

A elaboração de planos e projetos urbanísticos requer, em geral, um levantamento fotográfico prévio; durante a execução dos projetos, há também registro fotográfico das obras. Essas fotografias documentam as transformações urbanas da cidade e são disponibilizadas pela Biblioteca para pesquisa. A coleção reúne fotografias profissionais em formatos diversos, bem como registros amadores feitos pela própria equipe. Entre elas, encontram-se documentos de particular interesse, como a visita do prefeito Antônio Carlos Magalhães ao Vale das Pedrinhas em 19 de fevereiro de 1982, a Rua 8 de Dezembro no Nordeste de Amaralina com área invadida junto à fábrica de Óleo Irecê, e o Coqueiral no Nordeste de Amaralina em 1976.

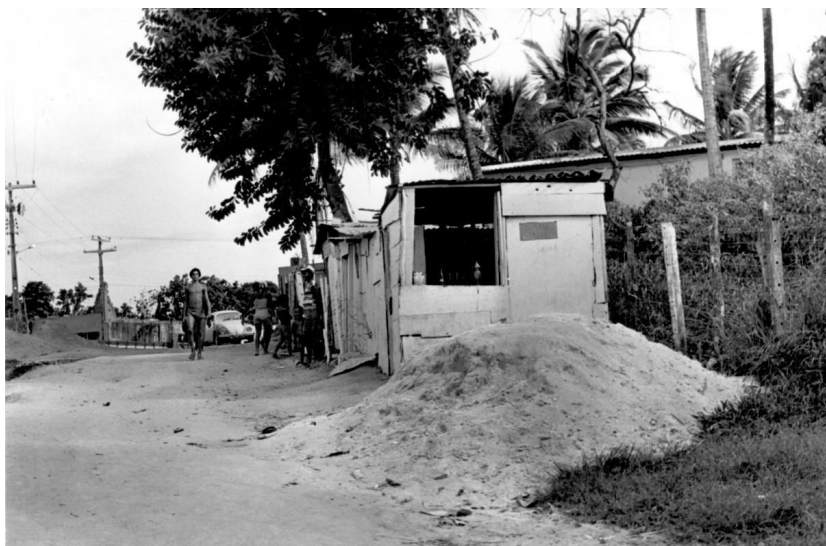
Figura 22 - Visita do Prefeito ao Vale das Pedrinhas em 1982



Fonte: Biblioteca da FMLF

Figura 23 - Nordeste de Amaralina

43



Fonte: Biblioteca da FMLF

Figura 24 - Coqueiral de Amaralina



Fonte: Biblioteca da FMLF

"Quanto às fotografias da urbanização recente da capital baiana, sem dúvida [...] a Biblioteca da FMLF possui o melhor acervo dessa memória visual recente da cidade. [...] Não me ocorre nenhum outro lugar que tenha esse material."

(Daniel Rebouças, historiador, professor e escritor. Entrevista, 2025)

44

Outras fotografias icônicas do acervo da Biblioteca da FMLF:

Figura 25 - BR-324, Brasilgás (1983). Foto do Plano Diretor do Distrito Industrial Urbano do Município do Salvador



Figura 26 - Barraca de praia (1991)

45



Figura 27 - Boca do Rio, asfaltamento da Rua Laura Barreto (Projeto Cura, 1982)



Figura 28 - Processo de urbanização da Pituba/Caminho das Árvores (1974-76). Rodoviária ao fundo

46



Figura 29 - Visita do Prefeito Renan Baleeiro as obras do Vale do Camurujipe (1980-1985)



Figura 30 - Calabar, muro do Campo Santo (1983)



Figura 31 - Av. Suburbana, região do Luso – Conj. Sr. Do Bonfim (1978)

48



Figura 32 - Avenida Sete, trecho da Piedade (1992)



Figura 33 - Estação da Lapa (1995)

49



Figura 34 - Imbuí, Conjunto Rio das Pedras (1979)



4. MUDANÇAS NOS PROCESSOS DE TRABALHO E SERVIÇOS

50

"[...] início do processo de informatização do acervo em 1995, utilizando o sistema GDI. [...] Migração do GDI para o PHL em 2012 [...] digitalização do acervo a partir de 2017."

(Hilda Conceição, bibliotecária. Entrevista, 2025)

A transformação digital chegou à Biblioteca ainda na década de 1990, com a implantação do Sistema GDI, que permitia o acesso digital local ao catálogo. Em 2012, o catálogo foi migrado para o Sistema PHL, possibilitando a disponibilização na internet e a inserção de documentos digitais. Nessa mesma época, o Diário Oficial do Município passou a ser publicado em PDF, e a Biblioteca começou a indexar os atos do DOM vinculando-os ao respectivo arquivo digital. Em 2017, os recortes de jornais também passaram a ser feitos digitalmente.

Mas o que torna o acervo realmente diferenciado é o fato de que a Biblioteca funciona como um repositório da produção do planejamento de Salvador, para a qual são destinadas publicações e relatórios técnicos produzidos pela Fundação Mário Leal Ferreira e por outros órgãos municipais.

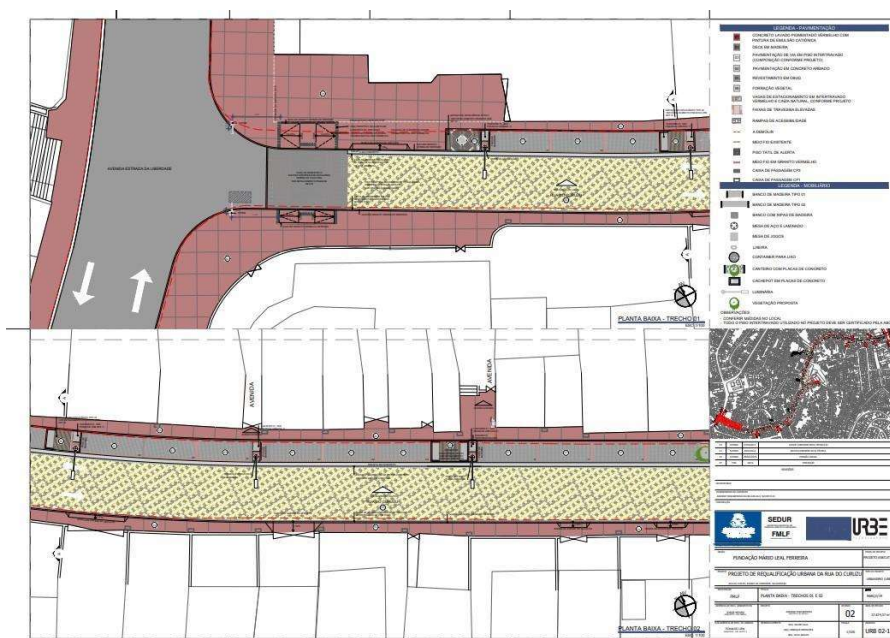
(Fernando Teixeira, arquiteto. Entrevista, 2025)

Atualmente, a Biblioteca da FMLF realiza suas atividades técnicas em meio digital. Os projetos elaborados pelas gerências técnicas são encaminhados em formato digital e, após o tratamento técnico, disponibilizados eletronicamente. A equipe

presta assessoria aos técnicos da FMLF com pesquisas prévias sobre as áreas em que estão sendo elaborados projetos ou planos, atua na normalização dos originais das publicações e gerencia o processo de impressão e distribuição dos livros.

A Biblioteca da FMLF é reconhecida como referência no planejamento urbano de Salvador e atende, além do público interno da Prefeitura, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Recebe demandas de pesquisa de outros estados e preza pela prestação de serviços informacionais de qualidade, em conformidade com as técnicas da Biblioteconomia e da Arquivologia e com a ética no serviço público.

Figura 35 - Planta do projeto de requalificação da Rua do Curuzu (2009)



Fonte: Biblioteca da FMLF

Figura 36 - Livro Plano da Ilha de Maré (2022)



Fonte: Biblioteca da FMLF

5. ACERVO, SERVIÇOS E PRODUTOS

53

Conceituação do Acervo

Periódico: fascículo numa série contínua sob o mesmo título, publicado a intervalos regulares, por tempo ilimitado, sendo cada fascículo numerado consecutivamente e com indicação de data. Os periódicos podem ser oficiais (como os Diários Oficiais das diversas instâncias de poder), acadêmicos (como as revistas de divulgação científica) ou informativos (como revistas e jornais de caráter noticioso).

Na Biblioteca da FMLF encontram-se a coleção completa do Diário Oficial do Município (DOM) e os jornais diários de publicação local — assinaturas correntes de publicações em circulação. A Biblioteca também possui periódicos que já deixaram de circular, mas que constituem referências clássicas na área de urbanismo e planejamento, como a *Veracidade* (publicada pela Prefeitura de Salvador de 1991 a 2012) e a *Planejamento* (publicada pela Seplantec de 1976 a 1979).

Hemeroteca: coleção de recortes de jornais, também conhecida como clipping. Parte integrante da coleção de periódicos, é constituída por matérias ou artigos recortados de jornais e revistas, organizados por assuntos.

A Biblioteca da FMLF possui expressiva quantidade de recortes de jornais. Os mais antigos, ainda em formato impresso, já estão digitalizados (367 pastas, totalizando 25 mil folhas); desde 2017, a clipagem é feita digitalmente (8 mil recortes).

Livros, projetos e planos: livros são trabalhos escritos e publicados, vendidos ou distribuídos, e constituem o acervo bibliográfico; os projetos e planos são elaborados pelas equipes da FMLF, de outros órgãos da Prefeitura ou do Governo Estadual, e constituem o acervo arquivístico — sobretudo aqueles elaborados pela FMLF no cumprimento de suas atribuições regimentais.

Atualmente, a Biblioteca da FMLF possui 3.798 títulos entre livros, projetos e planos, distribuídos em 6.634 exemplares físicos. Com a digitalização progressiva dos trabalhos e o crescente recebimento de documentos nato-digitais, a coleção conta também com 248 títulos em meio digital.

Cartografia: arquivo iconográfico contendo representações gráficas ou fotogramétricas de partes da superfície terrestre, bem como os documentos textuais que os acompanham (mapas, plantas, mosaicos, cartas, entre outros).

A coleção de documentos cartográficos da Biblioteca da FMLF é composta principalmente de mapas e plantas, vinculados a projetos, planos ou legislações (PDDU, LOUOS, leis de proteção etc.). A coleção física conta com 563 títulos distribuídos em 8.533 folhas.

Fotografia: coleção que inclui fotografias, diapositivos, negativos e provas, bem como, quando aplicável, os textos relativos a esses documentos. As fotografias são documentos iconográficos.

Na elaboração dos planos e projetos, geralmente há um registro fotográfico que acompanha as diversas fases do trabalho. A coleção da Biblioteca é composta por esses registros, sendo a maioria fotografias de paisagem em tamanhos variados: 91 títulos com 5.210 fotografias. Grande parte da coleção encontra-se digitalizada e disponível no catálogo.

Nota: os conceitos utilizados foram extraídos do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.

55

Quadro 1 — Acervo da Biblioteca da FMLF em maio/2025

Tipo de acervo	Quantidade
Livros, projetos e planos (físicos)	3.798 títulos / 6.634 exemplares
Livros, projetos e planos (digitais)	248 títulos
Cartografia (física)	563 títulos / 8.533 folhas
Fotografias	91 títulos / 5.210 fotografias
Hemeroteca (impressa, digitalizada)	367 pastas / 25 mil folhas
Hemeroteca (digital, desde 2017)	8 mil recortes

Serviços

A Biblioteca da FMLF presta atualmente os seguintes serviços: atendimento à pesquisa de usuários internos (FMLF e demais órgãos da Prefeitura) e externos (estudantes, pesquisadores e sociedade em geral); recepção, tratamento e disponibilização de materiais informacionais; normalização de documentos e publicações da FMLF; digitalização de documentos; organização do acervo; e controle e distribuição das publicações da FMLF.

"Vale salientar que estive pesquisando durante a pandemia de COVID-19, quando me foi franqueado o catálogo on-line e, diariamente e delicadamente, a equipe da Biblioteca inseria novos materiais necessários para que eu pudesse receber, analisar e comprovar os dados."

(Dange Cardoso, arquiteta e pesquisadora. Entrevista, 2025)

56

Produtos

A Biblioteca oferece dois produtos principais: o **Biblioteca Informa**, informativo diário com os atos do Diário Oficial do Município, notícias dos jornais locais e novas aquisições de interesse da FMLF; e o **catálogo atualizado da Biblioteca**, disponível por meio do sistema PHL.

6. EQUIPE DA BIBLIOTECA AO LONGO DO TEMPO

57

Embora não fosse praxe registrar a relação de servidores, a Biblioteca da FMLF mantém uma coleção de documentos administrativos denominada Memória Administrativa, que permitiu recuperar os nomes dos profissionais que contribuíram para a preservação e o acesso à documentação. A seguir, estão listados os nomes identificados nos registros.

1978

Nídia Maria Lienert Lubisco – *Bibliotecária (subgerente)*
Vasti Oliveira Gondim – *Bibliotecária*
Maria Lúcia Federico – *Bibliotecária*
Lindaure Carvalho Santana – *Bibliotecária (temporária)*
Olegário Mariano – *Auxiliar de biblioteca*
Araclides Ponciano Conceição – *Auxiliar administrativo*
Neide Ventura Lima – *Auxiliar administrativo*
Elisabeth Maria Beisl Barreto – *Estagiária de Biblioteconomia*
Hilda Maria de M. Ferreira – *Estagiária de Biblioteconomia*

1979

Nídia Maria Lienert Lubisco – *Bibliotecária (subgerente)*
Maria Nazaré G. Santos – *Bibliotecária (temporária)*
Maria Lúcia Federico – *Bibliotecária*
Solange Albuquerque – *Bibliotecária (temporária)*

1983

58

Lindaurea Carvalho Santana – *Bibliotecária (subgerente)*

Maria Lúcia Nascimento Pedreira – *Bibliotecária*

Vasti Oliveira Gondim – *Bibliotecária*

Hilda Maria de Melo Ferreira Conceição – *Bibliotecária*

1990

Nídia Maria Lienert Lubisco – *Bibliotecária (subgerente)*

Lindaurea Carvalho Santana – *Bibliotecária*

Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária*

Hilda Maria de Melo Ferreira Conceição – *Bibliotecária*

Vasti Oliveira Gondim – *Bibliotecária*

Nailde Brito – *Técnico em estradas*

1992

Lindaurea Carvalho Santana – *Bibliotecária (subgerente)*

Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária*

Hilda Maria de Melo Ferreira Conceição – *Bibliotecária*

Vasti Oliveira Gondim – *Bibliotecária*

Elisabeth Maria Beisl Barreto – *Assistente técnico*

Araclides Ponciano Conceição – *Assistente administrativo*

Nailde Brito – *Técnico em estradas*

1996

59

Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária (subgerente)*
Lindaurea Carvalho Santana – *Bibliotecária*
Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária*
Elisabeth Maria Beisl Barreto – *Assistente técnico*
Araclides Ponciano Conceição – *Assistente administrativo*
Nailde Brito – *Técnico em estradas*
José Luiz Teixeira Reis – *Assistente administrativo*
Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

1998

Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária (subgerente)*
Lindaurea Carvalho Santana – *Bibliotecária*
Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária*
Elisabeth Maria Beisl Barreto – *Assistente técnico*
Nailde Brito – *Técnico em estradas*
José Luiz Teixeira Reis – *Assistente administrativo*
Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

2009

Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária (subgerente)*
Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária*
Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – *Bibliotecária*
Elisabeth Maria Beisl Barreto – *Assistente técnico*
José Luiz Teixeira Reis – *Assistente administrativo*
Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

2012

60

Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária (subgerente)*

Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária*

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – *Bibliotecária*

Luciana Dórea Martinez Carreiro – *Bibliotecária*

Elisabeth Maria Beisl Barreto – *Assistente técnico*

José Luiz Teixeira Reis – *Assistente administrativo*

Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

2014

Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária (subgerente)*

Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária*

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – *Bibliotecária*

Luciana Dórea Martinez Carreiro – *Bibliotecária*

Bárbara Cirineu de Jesus – *Bibliotecária*

José Luiz Teixeira Reis – *Assistente administrativo*

Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

2015

Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária (subgerente)*

Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária*

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – *Bibliotecária*

Luciana Dórea Martinez Carreiro – *Bibliotecária*

Bárbara Cirineu de Jesus – *Bibliotecária*

Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

2016

61

Maria do Rosário Cardoso – *Bibliotecária (subgerente)*
Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária*
Luciana Dórea Martinez Carreiro – *Bibliotecária*
Bárbara Cirineu de Jesus – *Bibliotecária*
Carmelita Maria Estevam Sampaio – *Analista de comunicação*

2017–2026

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – *Bibliotecária (subgerente)*
Hilda Maria de Melo F. Conceição – *Bibliotecária*
Luciana Dórea Martinez Carreiro – *Bibliotecária*
Bárbara Cirineu de Jesus – *Bibliotecária*
Alexandre Ferreira Conceição – *Estagiário de Arquivologia*
Felipe Vilas Boas – *Jovem aprendiz*

7. CURIOSIDADES SOBRE A BIBLIOTECA

62

A Biblioteca da FMLF é, em sua essência, um centro de documentação. Possui acervo diversificado, composto por publicações (livros, revistas, jornais) e documentos arquivísticos produzidos pela FMLF e por outros órgãos da Prefeitura no exercício de suas funções.

Como instituição custodiadora de acervo, a Biblioteca integra o Sinar — Sistema Nacional de Arquivos — e possui cadastro no Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (Codearq), do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq). Trata-se da biblioteca mais estruturada entre os órgãos da Prefeitura de Salvador.

A documentação original do Plandurb (Plano de Desenvolvimento Urbano) encontra-se nesta Biblioteca. Criado em 1975 no âmbito do Oceplan para a retomada do planejamento urbano — tendo como ponto de partida os estudos realizados pelo Epucs —, o Plandurb produziu a Coleção Plandurb, composta por documentos textuais (estudos e planos) e documentos cartográficos.

Documentos de Destaque

A grande Salvador: posse e uso da terra. Salvador: [s.n.], 1978. Obra fora de catálogo, coordenada por Cidelmo Teixeira (engenheiro) e Cid Teixeira (historiador). De paginação irregular, estima-se que contenha cerca de 500 páginas, nas dimensões de 29 × 42 cm e peso aproximado de 11 kg.

Programa de revitalização. Jaime Lerner. Planejamento Urbano. Curitiba: [s.n.], 1977. Consultoria realizada pelo arquiteto Jaime Lerner para a Prefeitura de Salvador, com formulação de um programa de revitalização para a cidade, em dois volumes. O segundo volume é composto por mapas e mede 45 × 84 cm.

Álbum do Epucs. Salvador: [s.n.], 1976. 87 p. Álbum composto por cópias fotográficas dos principais documentos do acervo do Epucs, resgatado pelo GT Plandurb. Foram produzidos três exemplares com encadernação em couro; o destino dos outros dois é, contudo, desconhecido. Na documentação sob custódia do Arquivo Público de Salvador, que detém os documentos do Epucs, não consta este documento.

8. SEDES DA BIBLIOTECA DA FMLF

64

Sede do Oceplan

Jardim Baiano (1972–1978)

Palácio dos Esportes — Praça Castro Alves (1978–1981)

Ed. Sândalo, sobreloja — Campo Grande (1981–1993)

Sede da Seplam

Criada em 1984, permaneceu no Ed. Sândalo.

Sede do CPM

Criado em 1989, permaneceu no Ed. Sândalo até 1993.

Sede da FMLF

Criada em 1997. De 1993 a 2020: Av. Vale dos Barris, 125.

A partir de 2021: Rua da Bélgica, 74, Ed. Roosevelt, 2.º andar — Comércio.

REFERÊNCIAS

65

RUY, Affonso. História da Câmara Municipal da Cidade do Salvador. 2. ed. aum. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1996. 382 p. Edição impressa il. p&b. (Coleção Cidade do Salvador, 2).

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Guia para elaboração e revisão de planos diretores. Brasília: MMA, [2021].

COSTA, Paulo Segundo. Salvador: De Luiz Dias a Mário Leal Ferreira. Veracidade, Salvador: Sedham/PMS, v. 7, n. 11, p. 25-31, out. 2011.

FERNANDES, Ana (Org.). Acervo do Epucs: contextos, percursos, acesso. Salvador: UFBA, 2014. 206 p.

FERNANDES, Ana (Coord.). Epucs: exposição-álbum: O Epucs e a cidade de Salvador nos anos 1940: ciência, internacionalismo e natureza. Salvador: EDUFBA, 2019. 227 p.

GAMA, Hugo; NASCIMENTO, Jaime (Orgs.). A urbanização de Salvador em três tempos — Colônia, Império e República: textos críticos de história urbana. 2 v. Salvador: IGHB, 2011.

TAVARES, Luis Henrique Dias. História da Bahia. 8. ed. São Paulo: Ática, 1987. 206 il p.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. Lei 6.586, de 03 de agosto de 2004 — PDDU.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. Lei 7.400/2008 — Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. Lei 9.069/2016 — PDDU 2016.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. Lei 3.525, de 11 de setembro de 1985. In: Leis e Decretos 1985. Salvador: PMS, 1990. p. 100.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. Lei 2.403, de 23 de agosto de 1972 — Código de Urbanismo e Obras do Município de Salvador. Salvador: PMS, 1972. Edição impressa, 130 p. + anexos.

SALVADOR. Órgão Central de Planejamento. Epucs: uma experiência de planejamento urbano. Salvador: [s.n.], 1976. 176 p. Edição impressa il. color. (Coleção Plandurb/Finep, 57).

SALVADOR. Órgão Central de Planejamento. Disponibilidade de terras. Salvador: [s.n.], 1977. 4 v. (Coleção Plandurb/Finep, 16 e 59).

ANEXOS



68

ANEXO A — Entrevista de Nídia Lubisco

Nídia Maria Lienert Lubisco foi a primeira bibliotecária do Oceplan e responsável pela implantação da biblioteca. Sua atuação foi fundamental para a formação do acervo e a definição do sistema de catalogação e indexação. Nídia também dirigiu a biblioteca na época do CPM.

Salvador, 26 de junho de 2025.

Prezada Lucimar,

Conforme sua solicitação, seguem as informações acerca das minhas passagens pelas bibliotecas do Oceplan e do CPM.

Agradeço a oportunidade de voltar ao passado para trazer ao presente um momento importante da minha carreira como bibliotecária.

Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao criar a biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira nos anos 1970, e como conseguiu superá-los?

O Oceplan, com esse nome, resultou de uma modificação do antigo Órgão Central de Planejamento (OCP — tendo como prefeito Clériston Andrade), realizada na gestão de Jorge Hage Sobrinho como prefeito da capital. O órgão veio para revolucionar a gestão e a vida da cidade — e conseguiu.

Nós, os técnicos que compusemos a equipe de trabalho no Jardim Baiano, atuávamos com dedicação, num clima de entusiasmo e compromisso. Havia arquitetos mais experientes e muita gente nova também. O assessor-chefe era Waldeck Ornelas e, por seu nível intelectual, foi um dos maiores colaboradores para a formação da biblioteca, não apenas pela sugestão de títulos, mas também pela liberação de recursos para compra.

Tive a sorte de contar, ainda, com duas colegas que se integraram no mesmo espírito: Liège de Paula e Vasti Oliveira Gondim. Transitávamos muito bem entre os urbanistas

(arquitetos e engenheiros, como Arilda e Dange Cardoso, Terezinha Rios, Isa Vargas, Chano, Ari Guimarães, Heliodório Sampaio, Sérgio Gomes), mas também entre colegas de outras áreas que vieram somar nos projetos de então, como Sérgio e Nádia Fialho, só para citar alguns nomes que me ocorrem no momento — além dos desenhistas e topógrafos, apoio fundamental para os projetos.

A criação do Plandurb, mais adiante, foi um ponto alto na gestão do diretor-executivo Sérgio Gaudenzi, que trouxe novos técnicos, como Paulo Penteado e Pinho, por exemplo, da UFBA, além de especialistas de fora, a exemplo de Jaime Lerner, que havia revolucionado Curitiba.

Nesse ambiente, no que se refere à biblioteca, embora contássemos com um acervo relevante, pertinente e atualizado, o espaço físico era mínimo. Na verdade, ela estava instalada na garagem da casa onde funcionava o Oceplan e se dividia em três espaços:

1. uma espécie de hall, onde ficavam as plantas enroladas em tubos e também mapas, armazenados em mapotecas horizontais, sob a guarda de dois funcionários do antigo OCP, Sr. Nilton e Sr. Olegário, que conheciam tudo de cabeça, pois não havia um catálogo que registrasse esse tipo de acervo arquivístico;
2. uma sala onde ficava o acervo bibliográfico, tão pequena que, para eu me mover entre as estantes, quando estava grávida, eu só conseguia ficar de lado em relação a elas;
3. uma terceira salinha, onde ocorriam a gestão e o processamento técnico, compartilhada com as duas colegas citadas e, por algum tempo, com uma estagiária de Biblioteconomia.

Assim, o enfrentamento e a superação dos desafios foram marcados pelo compromisso com a causa da Prefeitura e pelo entusiasmo com que se trabalhava, numa gestão municipal totalmente voltada para a qualificação de Salvador e para o bem-estar dos soteropolitanos.

Qual era a visão inicial para a biblioteca do Oceplan e como você imaginava seu papel dentro do Oceplan e da cidade de Salvador?

A visão, como se pode depreender da resposta anterior, era dispor de um setor que acompanhasse o compromisso da gestão da capital e do órgão com a cidade, típico do trabalho da Prefeitura, diretamente com e para a população.

Que tipo de acervo e serviços a biblioteca priorizava nos primeiros anos, e como essas escolhas refletiam as necessidades urbanísticas e culturais daquele período?

O acervo era constituído principalmente de livros e periódicos, característica da época, e era focado em planejamento urbano no sentido amplo. Isso significa dizer que contemplava todos os temas que envolvem a vida de uma cidade: planejamento propriamente dito, urbanismo, limpeza pública, áreas verdes, bairros populares, transporte, habitação, entre outros, com um respaldo teórico muito relevante, resultante de indicações feitas sobretudo pelo assessor-chefe.

Com isso, a atuação da biblioteca era totalmente pertinente e ajustada às necessidades do Oceplan em sua missão com a cidade de Salvador.

Do ponto de vista dos processos da Biblioteconomia e da Arquivologia, você acha que a biblioteca promoveu alguma inovação?

Na época, não se fazia uma distinção entre acervo arquivístico e bibliográfico. Tanto que a minha preocupação, como bibliotecária, era com este último, já que as plantas e mapas tinham um controle feito pelos funcionários citados, sem um método formal, mas que atendia às demandas de modo praticamente independente da biblioteca; ademais, era uma área de “poder”, embora com convivência pacífica e respeitosa.

Quanto ao acervo bibliográfico, do ponto de vista da organização voltada ao acesso, adotou-se o Sistema Unitermo, muito em voga na época — método desenvolvido por uma bibliotecária da Sudene, se não estou equivocada. Ele atendia bem às demandas de então, embora não oferecesse uma linguagem universal como a que os métodos clássicos de classificação e catalogação proporcionam.

Do ponto de vista pessoal e profissional, só tenho recordações positivas e considero que a biblioteca atendeu às expectativas dos gestores, tanto que fui convidada a voltar quando o Oceplan se transformou em CPM.

71



ANEXO B — Entrevista de Hilda Maria de Melo Ferreira Conceição



72

Hilda é a servidora mais antiga da biblioteca. Começou como estagiária de Biblioteconomia e, após a formatura, entrou para o quadro do então Oceplan. É a pessoa que melhor pode falar da biblioteca porque viveu todas as suas fases. Hilda foi subgerente por vários anos e continua em atividade, como uma memória viva da biblioteca e do planejamento urbano de Salvador.

Como você descreveria a evolução da Biblioteca da FMLF desde que ingressou em 1978, ainda como Oceplan, até hoje, em termos de acervo, estrutura e uso pelos profissionais e pesquisadores?

Descrever a evolução desta biblioteca — acervo, estrutura e uso — ao longo de um período tão extenso exige destacar alguns aspectos da minha trajetória de convivência e aprendizado com as bibliotecárias com quem iniciei neste universo profissional, além de chamar atenção para o cenário de mudanças de endereço, de gestores no poder público municipal e, conseqüentemente, para as sucessivas alterações na estrutura administrativa.

- Cheguei ao Oceplan em agosto de 1978, como estagiária, aceita pela bibliotecária-chefe Nídia Lubisco, que coordenava uma equipe de 12 pessoas, formada por 6 bibliotecários, 3 auxiliares administrativos, 1 estagiária de nível médio e 2 estagiárias de nível universitário em Biblioteconomia (ocupi a segunda vaga de estágio de nível universitário);
- Todo o acervo constituído até então estava em processo de organização no novo espaço, pois o Oceplan tinha acabado de se mudar da Rua Arquimedes Gonçalves, no Jardim Baiano, para um espaço maior no Edifício Palácio do Esporte, na Praça Castro Alves, devido às suas atribuições na esfera administrativa municipal e ao crescimento das atividades técnicas em

desenvolvimento e a serem desenvolvidas na área de planejamento urbano para a cidade de Salvador;

- É possível constatar um período de efervescência no planejamento urbano da cidade, com a elaboração de estudos, planos, programas, projetos etc., e a biblioteca participando ativamente desse processo, prestando suporte documental e informacional e dando continuidade à formação do acervo especializado iniciado em 1975. Por meio da aquisição, providenciavam-se novos títulos de livros e periódicos nacionais e internacionais necessários, atendendo às solicitações dos técnicos. O suporte informacional se dava por atendimento presencial e/ou via telefone e também pela Disseminação Seletiva da Informação (DSI), por meio de boletins informativos elaborados periodicamente, que circulavam entre os grupos de profissionais e pesquisadores que compunham a equipe multidisciplinar do órgão e buscavam os serviços da biblioteca diariamente.

Ao destacar os pontos acima, posso afirmar que a evolução desta biblioteca tem se dado de forma gradativa, de acordo com as mudanças administrativas e tecnológicas. Vale ressaltar que o conhecimento, a responsabilidade, o comprometimento e a resiliência dos bibliotecários que estiveram e estão à frente deste setor na instituição sempre buscaram formar, manter, preservar e disseminar a memória do planejamento urbano de Salvador, por reconhecerem a importância desse acervo — tendo contado, em alguns momentos, com a sensibilidade e a ajuda de poucos técnicos e de alguns gestores.

Quais momentos ou projetos marcaram mais profundamente sua trajetória na biblioteca e por que esses episódios foram significativos?

- Integrar a equipe do GT-Plandurb (1979–1981) para auxiliar a bibliotecária Lindaura Carvalho Santana, encarregada de organizar o acervo cartográfico já produzido e em produção — bases cartográficas e mapas temáticos elaborados pelos grupos de trabalho responsáveis pelos estudos técnicos. Esse GT ocupava todo o 4º andar do Edifício Maçônico, na Rua Carlos Gomes;
- Mudança do Oceplan para a sobreloja do Edifício Sândalo, no Campo Grande, em 1981;

- Efetivação, já como bibliotecária, no cargo de técnica em Planejamento, em 1982;
- Experiência vivenciada no DAP/Sead, em função do projeto Cadastro de Terras Públicas (1984–1985);
- Mudança da Seplam para a Av. Vale dos Barris, em 1993;
- Início do processo de informatização do acervo da biblioteca, em 1995, utilizando o sistema GDI (Gerenciador de Documentação e Informação);
- Responsabilidade pela subgerência da biblioteca no período de 1996–2012;
- Transferência da bibliotecária Lucimar Oliveira para compor a equipe da biblioteca da FMLF e, posteriormente, das bibliotecárias Luciana Martinez e Bárbara Cirineu;
- Aquisição dos arquivos deslizantes, em 2014.

É possível afirmar que essa articulação entre momentos e projetos se deve não apenas à oportunidade de novos conhecimentos, mas também ao aprendizado com outros profissionais, à adequação às necessidades de funcionamento e ao desenvolvimento das atividades diante das novas tecnologias, além da formação de uma equipe concursada, capacitada e comprometida com a informação e a preservação documental.

Que transformações tecnológicas ou mudanças na forma de acesso à informação mais impactaram o funcionamento da biblioteca ao longo desses anos?

Vale salientar que as mudanças ocorridas ao longo desses anos sempre nos conduziram à reflexão sobre a real necessidade de transformação, bem como à avaliação e adequação às novas linguagens e suportes tecnológicos, diante da documentação hoje existente no acervo.

- Migração do sistema GDI (Gerenciador de Documentação e Informação) para o sistema PHL (Personal Home Library), em 2012, possibilitando melhor catalogação do acervo e indexação dos documentos. Entre os avanços tecnológicos, destacam-se a disponibilização do catálogo bibliográfico para consulta on-line (interna e externa), a elaboração de boletins informativos on-

line, a aquisição de novos produtos em linguagem digital etc., possibilitando maior agilidade na disseminação da informação;

- Início do processo de digitalização da documentação passível de digitalização, com disponibilização de links de acesso para usuários e pesquisadores que têm Salvador como objeto de pesquisa.

ANEXO C — Depoimento de Lucimar Oliveira Carneiro da Silva

76

Comecei a trabalhar na Biblioteca da FMLF em 2009, trazida pelas mãos da Subgerente Hilda que foi minha professora na graduação em Biblioteconomia. À época a equipe era composta por duas bibliotecárias, uma analista de comunicação, dois assistentes administrativos e um estagiário de Biblioteconomia. Esse início foi um grande desafio pois o acervo era um misto de arquivo e biblioteca e haviam documentos, como os cartográficos, que nunca fizeram parte das minhas experiências anteriores. Recordo de Hilda me ensinando como organizar as ortofotos, como me localizar no mapa-chave, que é uma faixa, como ordenar as folhas. Apesar das ortofotos serem nato digitais, a Biblioteca recebeu o conjunto completo das fotografias impressas em papel fotográfico.



Demorei um tempo a entender o acervo, fazer o reprocessamento e o desbaste da coleção foi fundamental para compreender que eu não estava em uma biblioteca simplesmente; que aquele acervo era um misto de documentos bibliográficos e arquivísticos e que isso significava que apesar do nome biblioteca, eu me encontrava em um centro de documentação. A experiência que trouxe do Arquivo Histórico Municipal de Salvador – hoje Arquivo Público de Salvador – e da Gerência de Arquivos e Bibliotecas da Fundação Gregório de Mattos – FGM foram de grande relevância para essa compreensão para desenvolver o trabalho que a Biblioteca da FMLF precisava.

Na minha chegada percebi que a Biblioteca desenvolvia ações de gestão da informação de forma primorosa. Já existia um catálogo digital no GDI e os processos eram feitos de forma tradicional – nas fichas – e posteriormente inseridos no sistema. Identificar um retrabalho me mostrou a grandiosidade da indexação dos atos do Diário Oficial do Município – DOM, criando um controle e uma resposta precisa na recuperação da informação, como eu nunca havia visto ao longo da minha carreira. Eram muitas consultas sobre a legislação e o sistema

de organização respondia de pronto. A gestão da informação se estendia até aos assuntos de gestão de pessoas pois eram indexadas as portarias de servidores que sempre recorriam à Biblioteca, principalmente na fase de aposentadoria. Esse serviço de indexação atende a uma demanda que não existiria caso o DOM fosse indexado na fonte; no caso da legislação, anos depois o portal Leis de Salvador resolveu a busca por leis e decretos, no entanto é a Biblioteca da FMLF que atende aos servidores na recuperação de outros atos, como portarias, editais de licitação, nomeações etc.

Em 2012, depois de dois anos de tentativas, migramos do sistema GDI para o Personal Home Library – PHL uma vez que o primeiro já não nos atendia. A migração foi um grande desafio pois saímos de um sistema baseado em planilhas isoladas para um banco de dados estruturado e desenvolvido especificamente para a gestão de coleções e serviços de biblioteca; mas não estamos falando de biblioteca e sim de um centro de documentação, de documentos bibliográficos e arquivísticos; de uma lógica de estrutura de informação completamente diferente; tenho certeza que demos muito trabalho ao analista de sistema que nos acompanhou nessa empreitada, mas em setembro de 2012 a FMLF convidou os órgãos da Prefeitura para apresentar o novo sistema da Biblioteca em pleno funcionamento. O novo sistema abriu as portas para a disponibilização de documentos em formato digital o que vem proporcionando cada vez mais, a virtualização dos serviços, abrindo portas inclusive para pesquisadores de fora de Salvador, permitindo a disseminação do acervo e a democratização das informações.

Da minha caminhada nesta Biblioteca, outro ponto marcante acontece em 2017. Eu estive à disposição da FGM de 2014 a 2017, retornando à FMLF em abril de 2017. Havia sido criada na Fundação a Diretoria de Planejamento – DIPLAN e o desafio era acomodar muitos funcionários que vieram do setor de informação da SEDUR, para integrar a DIPLAN. A sede era a do Vale dos Barris e espaço físico era artigo raro; a Biblioteca possuía um excelente espaço físico em termos de dimensão, porém seu mobiliário era muito ultrapassado e estado de conservação ruim, algumas estantes e mapotecas eram da época do Oceplan e CPM; a cartografia ficava em um corredor nos fundos da Biblioteca e a gestão da FMLF

identificou que esse espaço poderia acomodar os funcionários da DIPLAN. Fomos questionados se o acervo da cartografia caberia no espaço de acervo da Biblioteca e respondemos que sim, desde que fosse acomodado em arquivos deslizantes sob medida para as nossas necessidades; a gestão comprou a proposta e a Biblioteca deu um salto: mobiliário novo e adequado, otimização do espaço físico, melhores condições de conservação para o acervo; a cartografia que ficava separada dos demais documentos foi agrupada formando um acervo único.

Em 2020 tivemos vários grandes desafios. O primeiro foi dar continuidade a rotina de trabalho – processamento técnico e atendimento aos usuários – em plena pandemia. A Biblioteca respondeu bem ao desafio pois o PHL é acessível via web para o modo de produção e uma conexão VPN permitia o acesso ao servidor para inclusão de documentos digitais. O atendimento aos usuários foi possível por meio dos documentos digitais disponíveis e pelas digitalizações que eram feitas de acordo com a demanda; nesta demanda teve a produção do primeiro plano de bairro – Itapagipe – cujos documentos de referências foram disponibilizados para a equipe de técnicos da DIPLAN, ratificando que a digitalização é o caminho para a oferta dos serviços. A Biblioteca também teve o desafio de reunir as informações e documentos para a construção do dossiê para tombamento da Maquete de Salvador e a montagem de uma exposição desta Maquete para a apreciação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Não bastasse tudo isso, final de 2020 a FMLF se mudou do Vale dos Barris para o Comércio e “a biblioteca foi a mala mais pesada da mudança”. Montou-se uma verdadeira operação para que a mudança ocorresse bem e não tivemos perda de um único documento.

Hoje possuímos uma equipe enxuta, qualificada e motivada; somos quatro bibliotecárias, sendo que duas com formação também na área de arquivos: Hilda com pós-graduação em arquivos e eu com graduação em Arquivologia. A equipe é reforçada por um estagiário de arquivologia e um jovem aprendiz. A formação na área de arquivo foi fundamental para encarar os desafios do acervo arquivístico técnico, que são os projetos, planos e estudos, base da principal atribuição da FMLF. A sistematização da informação, a disponibilização de documentos digitais e o conhecimento do acervo asseguram que os pesquisadores, internos e

externos, contam com uma verdadeira assessoria de pesquisa. A forma de trabalhar mudou porque o mundo mudou. Hoje recebemos muito poucos documentos impressos e a luta que tínhamos há 20 anos atrás por estantes, hoje temos por espaço no servidor. Os projetos, planos e estudos chegam em meio digital e são processados e disponibilizados de forma muito mais rápida, fazendo com que os pesquisadores tenham acesso de forma imediata.

Temos contribuído também para a formação de profissionais na medida em que recebemos estagiários dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia e jovens aprendizes do ensino médio. Nos sentimos responsáveis por esses estagiários e jovens incentivando-os a concluir seus cursos e serem profissionais conscientes e responsáveis. Também temos recebido muitas turmas de alunos de Biblioteconomia e Arquivologia, acompanhados dos professores, para visitas técnicas. Nosso acervo diverso e com coleções raras, chama à atenção dos professores no sentido da necessidade de formação mais ampla.

Para o futuro só projeto coisas grandes para esta Biblioteca: a digitalização dos documentos cartográficos (grandes formatos); a implantação de instrumentos arquivísticos para dar mais segurança ao desenvolvimento de coleções e a projeção cada vez maior dos seus serviços, para que os próximos cinquenta anos venham com a força de um legado que se renova, transformando a preservação do passado no alicerce de um futuro plenamente conectado e acessível

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva
Subgerente de Acervo Técnico e Biblioteca da FMLF



ANEXO C — Entrevista de Dange Cardoso

Maria Ângela Cardoso, mais conhecida como Dange Cardoso, é arquiteta e começou a trabalhar com planejamento urbano em Salvador ainda na época de estágio. Compôs o grupo das Verdinhas, um conjunto de arquitetas que trabalhava com áreas verdes e contribuiu para a criação do Savan — Sistema de Áreas Verdes de Salvador. Nos últimos anos, dedicou-se ao doutorado e teve a biblioteca da FMLF como ponto de referência.

Como a experiência profissional na Prefeitura influenciou a escolha do tema da sua tese de doutorado, e de que forma a Biblioteca da FMLF apoiou esse processo de pesquisa?

No OCP (1970–1972), enquanto estagiária, recebi a missão de mapear todas as áreas verdes de Salvador constituintes do Sistema de Áreas Verdes do Município de Salvador (1973).

Esse mapa encontra-se arquivado na biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira. Ele foi o tema da minha tese de doutorado (2018–2023).

Fiz um levantamento quantitativo sobre o que ocorreu nesse período. Salvador havia perdido aproximadamente 50% de sua reserva original.

Por meio da biblioteca da FMLF, consegui resgatar todos os dados que comprovaram o resultado da pesquisa.

Quais tipos de documentos ou materiais do acervo da biblioteca foram mais relevantes para o desenvolvimento da sua pesquisa, e por que eles se destacaram?

Documentos gerais sobre as áreas verdes e sua correspondência com as questões objetivas e justificativas que comprovam a hipótese levantada.

Destacam-se como fontes primárias, cujo teor garante a segurança das informações comprovadas.

Como foi a sua experiência como pesquisadora na biblioteca da FMLF em comparação ao uso que fazia como técnica na Prefeitura, e o que essa mudança de perspectiva revelou sobre o acervo?

A biblioteca da FMLF é uma entidade pública que preza pela consistência da informação.

Como arquiteta e urbanista, tive acesso aos documentos que busquei, entre muitos outros.

Como pesquisadora do CNPq, mantive a ética da busca por informação precisa no meu campo de foco — áreas verdes de Salvador —, em um recorte temporal que precisou ser ampliado (1970–1985).

Em ambas as situações, recebi liberdade para solicitar os documentos e analisá-los pelo tempo necessário.

Vale salientar que pesquisei no período da pandemia de Covid-19, quando me foi franqueado o site de busca e, diária e cuidadosamente, a equipe da biblioteca inseria os materiais necessários, de modo a atender à minha expectativa de receber, analisar e comprovar os dados.

Reforço meu eterno reconhecimento à equipe da biblioteca da FMLF, conforme registrado na página de agradecimentos da tese.

ANEXO D — Entrevista de Fernando Sérgio Barbosa Teixeira



Fernando Teixeira é arquiteto e servidor municipal na área de planejamento urbano. Começou a carreira como estagiário de Arquitetura e, como servidor efetivo, esteve presente em todos os planos diretores da cidade. Atualmente é diretor de Planejamento e Informação, e a biblioteca da FMLF está presente em sua atuação profissional.

Como foi o seu início no Oceplan como estagiário, e que papel a biblioteca desempenhou naquele momento de formação e aprendizado?

Iniciei como estagiário de Arquitetura e Urbanismo no Órgão Central de Planejamento, o Oceplan, em março de 1980, aos 18 anos. Foi a primeira experiência em um ambiente profissional e acabou sendo determinante para os rumos da minha carreira, que se orientaria para o planejamento urbano.

Já naquela época, a biblioteca era possivelmente a principal fonte de informações sobre Salvador e de referências técnicas sobre o planejamento da cidade. Seu acervo compreendia publicações de autores consagrados como Castells, Mumford e Kevin Lynch, bem como publicações diversas sobre a cidade e, principalmente, o registro da produção técnica do planejamento de Salvador, com destaque para os estudos do Plano de Desenvolvimento Urbano (Plandurb), concluídos no final dos anos 1970.

O que mais despertou minha atenção, no entanto, foi o acervo cartográfico. Mapas de toda a cidade e da cidade toda me apresentaram Salvador de uma maneira que eu nunca havia visto nem suspeitado: a geografia peculiar, a relação com o oceano e a baía, a localização dos bairros, o sistema viário — a cidade, enfim. Havia também as imagens aéreas, os pares aerofotogramétricos que possibilitavam uma visualização em 3D, e muitas fotos das ocupações periféricas que se espalhavam por todo o território no período de maior crescimento demográfico vivenciado pela capital baiana.

Todo o acervo estava acessível, com apoio das bibliotecárias e sob a orientação dos profissionais que conduziam as equipes das quais fiz parte. Na época, esse acesso era

um privilégio. As gerações pós-internet e pós-Google têm tudo isso hoje na palma da mão, mas, até o início dos anos 2000, esse tipo de informação era muito pouco difundido.

Ao longo da sua trajetória como arquiteto na Prefeitura de Salvador, de que forma a biblioteca da FMLF contribuiu para o desenvolvimento dos projetos e pesquisas em que esteve envolvido?

A biblioteca foi e continua sendo uma das mais importantes fontes de informação sobre a cidade e seu planejamento. Para mim, ainda é a primeira referência a cada início de um novo trabalho ou quando busco respostas para algum tema sobre Salvador.

Mesmo após a transição digital, permanece única pela quantidade e pela relevância das informações que reúne e disponibiliza, por meio de serviços via web ou presencialmente, na sede da FMLF.

Na sua visão, o que torna a biblioteca da FMLF um recurso diferenciado para os profissionais que atuam com o planejamento e a história urbana de Salvador?

A biblioteca da FMLF guarda a memória de mais de 50 anos de estudos, planos e projetos desenvolvidos pelo planejamento municipal, além de conteúdos acessórios muito relevantes.

O acervo compreende documentos referenciais do planejamento urbano, como os estudos e toda a legislação correspondente aos planos diretores e a seus instrumentos, desde os anos 1970. A hemeroteca reúne uma série histórica de cinco décadas de notícias sobre o cotidiano de Salvador publicadas em jornais diários. A cartografia e as imagens aerofotogramétricas possibilitam acompanhar a evolução da cidade desde os anos 1960 — e, em alguns trechos, de antes.

Mas o que torna o acervo realmente diferenciado é o fato de a biblioteca funcionar como repositório da produção do planejamento de Salvador, para o qual são destinadas publicações e relatórios técnicos produzidos pela Fundação Mário Leal Ferreira e por outros órgãos municipais. Seja em mídia física, seja em mídia digital, essas informações não estão disponíveis em outras fontes.

ANEXO E — Entrevista de Luis Antonio Souza

Luis Antonio é arquiteto, professor e pesquisador do curso de Urbanismo da Uneb e usuário frequente da biblioteca da FMLF.

De que forma o acervo da biblioteca da FMLF contribui para o ensino e a pesquisa em urbanismo, especialmente no contexto da cidade de Salvador?



84

Creio que o acervo da biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira, uma biblioteca setorial de uma autarquia municipal, oferece possibilidades de disseminação de informações e produção de conhecimentos mais amplas do que o campo do Urbanismo. Entre as áreas, eu destacaria planejamento econômico, planejamento urbano, Geografia e história urbana de Salvador, entre outras.

A riqueza do seu acervo reside na diversidade de documentos que reúne. São mais de 50 anos construindo, reunindo e recuperando materiais produzidos nesse período — meio século! Isso se manteve mesmo atravessando, às vezes, gestões políticas com pouca intimidade com o significado e a importância de resguardar documentos que permitem interpretar distintos aspectos do desenvolvimento urbano de Salvador.

Esses materiais são fundamentais para a educação e para o ensino, para além da comunidade estritamente acadêmica. Eles revelam uma riqueza de informações e a organização de elementos iconográficos de uma cidade com forte tendência a se descuidar do futuro. Permitem conhecer processos e esforços despendidos no planejamento urbano, num tempo histórico em que existia um corpo técnico próprio envolvido nesse trabalho.

Creio que o papel de gerenciar e disseminar informações da biblioteca da FMLF pode (e talvez deva) ser ampliado com as novas tecnologias digitais, de modo que cada soteropolitano possa acessar seu acervo via rede mundial de computadores e, ao mesmo tempo, avançar na conexão em rede com bibliotecas semelhantes.

Essa cobertura documental é fundamental e constitui um patrimônio valioso, que vem cooperando na instrução e formação de estudantes de todos os níveis, auxiliando

pesquisadores e orientando profissionais que buscam compreender a complexidade do desenvolvimento urbano do município de Salvador.

Não nos esqueçamos de que mesmo bibliotecas, em certa medida especializadas, vêm redefinindo seus espaços físicos, incorporando áreas para trabalho em grupo e ambientes mais colaborativos.

Quais os tipos de documentos ou materiais da FMLF você considera mais valiosos para suas pesquisas e por quê?

Em princípio, sobretudo para o campo da pesquisa — coleta de informações —, seja ela teórica, explicativa ou simplesmente documental, exige-se, antes de tudo, fontes confiáveis.

Quando se trata de planejamento, a FMLF reúne o acervo documental mais completo e sistematizado de Salvador, seja por reunir a memória dos planos diretores recentes, seja pelos relatórios e estudos técnicos.

Destaco, nesse sentido, os materiais documentais do Plano de Desenvolvimento da Cidade do Salvador (Plandurb), um marco no enfoque do planejamento no Brasil, seja pelo ineditismo dos estudos físicos, seja pelo estudo socioeconômico. Evidentemente, sem desconsiderar os estudos posteriores de outros planos: todos têm como referência as análises produzidas com base nas informações do Plandurb, por meio do qual uma expressiva leva de pesquisadores da comunidade acadêmica se formou e vem se formando.

É importante, também, valorizar relatórios técnicos, projetos e planos urbanísticos para Salvador que, em sua maioria, estão sob a guarda dessa biblioteca e oferecem a possibilidade empírica de estudos locais e de reconstrução das trajetórias das políticas urbanas do município.

Na sua opinião, qual a importância de manter e ampliar o acesso ao acervo para as futuras gerações de arquitetos, urbanistas e planejadores?

Sempre me preocupam perguntas formuladas como “qual é a sua opinião...?”. A opinião envolve julgamento; formulá-la exige muito mais do que expressar pontos de vista. Ela demandaria um conhecimento muito maior sobre a biblioteca, inclusive sobre projetos de modernização tecnológica ou mesmo sobre dotação orçamentária e pessoal.

Uma biblioteca setorial, como a da FMLF, é um repositório de memória técnica e teórica que revela como um recorte geracional levantou, analisou e interpretou possibilidades de transformação de Salvador. Creio que a razão de ser da biblioteca da FMLF é exatamente dispor à sociedade ferramentas para conhecer, pensar e transmitir saberes às gerações futuras. Para tanto, a atualização continuada é condição para ampliar não só o acesso aos materiais, mas também para promover a democratização do conhecimento.

Desse modo, contribui-se para alcançar um público mais amplo e diversificado, considerando que só conhece quem tem informação e que uma sociedade informada pode participar, de modo objetivo e democrático, da sua gestão, intervindo no planejamento.

Ainda no campo opinativo, saliento os seguintes aspectos: a biblioteca da FMLF deveria oferecer cursos, palestras e seminários para, a partir do conhecimento de seus acervos, subsidiar a formação crítica da sociedade em geral, despertando interesse por problemas sociais, ambientais e culturais, entre outros — portanto, contribuindo para a construção de uma cidadania orgânica.

Não poderia deixar de sugerir o retorno do periódico *Veracidade* ou a produção de boletins que mantivessem a comunidade atualizada quanto ao pensamento da FMLF sobre a cidade. Um veículo assim aproximaria a sociedade do poder público, por meio do debate crítico sobre Salvador, que avança para os três quartos finais do século XXI ainda com problemas do século XIX.

Quanto à ampliação do acervo, creio que a biblioteca da FMLF deveria desenvolver uma política mais ativa para receber bibliotecas técnicas ou mesmo documentos técnicos sobre o município de Salvador disponíveis em acervos particulares de técnicos e estudiosos.

Para finalizar, cumpre salientar que muito da constituição e circulação dos materiais dos acervos da biblioteca da FMLF se deve à dedicação e ao zelo de seus funcionários, que conhecem bem o valor do patrimônio que protegem. Eles sabem, como diz a canção de Lô Borges e Milton Nascimento: “o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir”.

ANEXO F — Entrevista de Daniel Rebouças

Daniel Rebouças — @daniel.reboucas.historia. Historiador, professor e escritor. Especialista em iconografia baiana. Seis livros de história publicados. Mestre e doutor pela UFBA.



87

Como os recursos da biblioteca da FMLF têm contribuído para suas pesquisas em iconografia, especialmente no que diz respeito à documentação visual e histórica de Salvador?

Sem dúvida, têm contribuído muito. Posso citar duas experiências recentes. No ano passado, trabalhei na pesquisa de um centro de memória em Salvador e consegui fazer um ótimo levantamento do acervo fotográfico da biblioteca a distância. Parte significativa do acervo me parece estar on-line no site, o que me ajudou no levantamento; com isso, identifiquei muitas fotografias da urbanização recente de Salvador entre o final da década de 1970 e o início da década seguinte.

A partir desse primeiro levantamento, fui presencialmente à biblioteca para consultar o que ainda não estava on-line. Os dados no site, contudo, tornaram a pesquisa presencial mais efetiva.

Quais tipos de documentos ou imagens do acervo da Fundação foram mais valiosos para a reconstrução da memória visual da cidade?

As fotografias da urbanização recente da capital baiana, sem dúvida. Para mim, a biblioteca da FMLF possui o melhor acervo dessa memória visual recente da cidade. São muitas centenas de fotografias e tomadas aéreas. Não me ocorre nenhum lugar que reúna esse material.

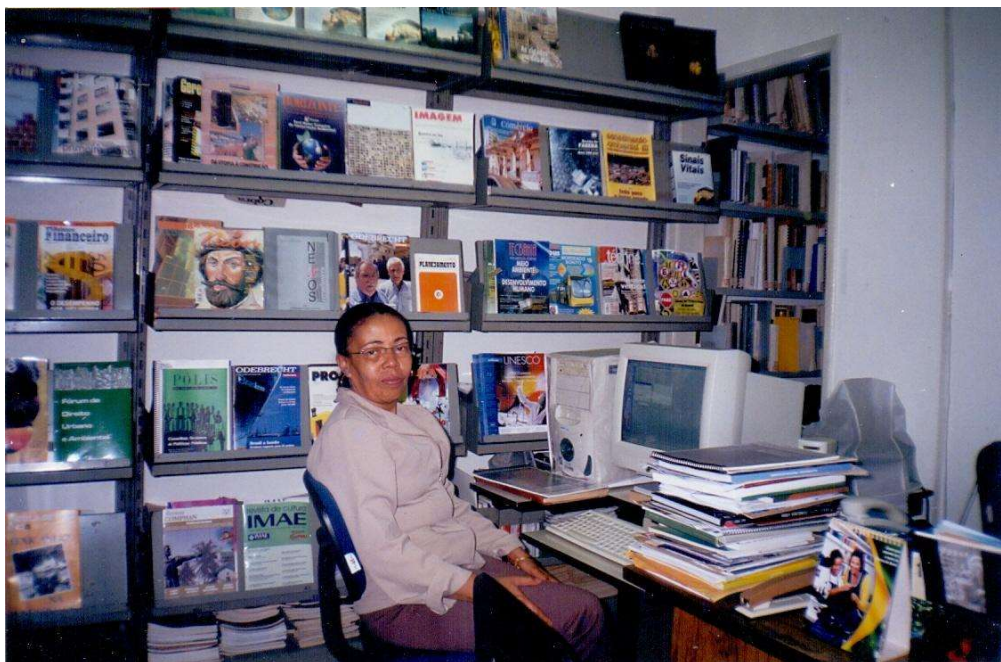
Na sua opinião, qual é a importância de preservar e ampliar o acesso ao acervo iconográfico da biblioteca da FMLF para a compreensão da identidade cultural e histórica de Salvador?

A importância é imensa. Diria que é uma ação em prol da cidadania, além dos ganhos para a memória e a história. Ter acesso à visualidade da própria cidade — mudanças

urbanas e sociais — permite que a população, bem como pesquisadores de qualquer lugar do mundo, conheça, pesquise e torne ainda mais público esse material.

ANEXO G — Fotografias

89



Hilda Conceição. Sede Vale dos Barris. [1996?]



Pesquisadores e estudantes. Sede Vale dos Barris. 2002



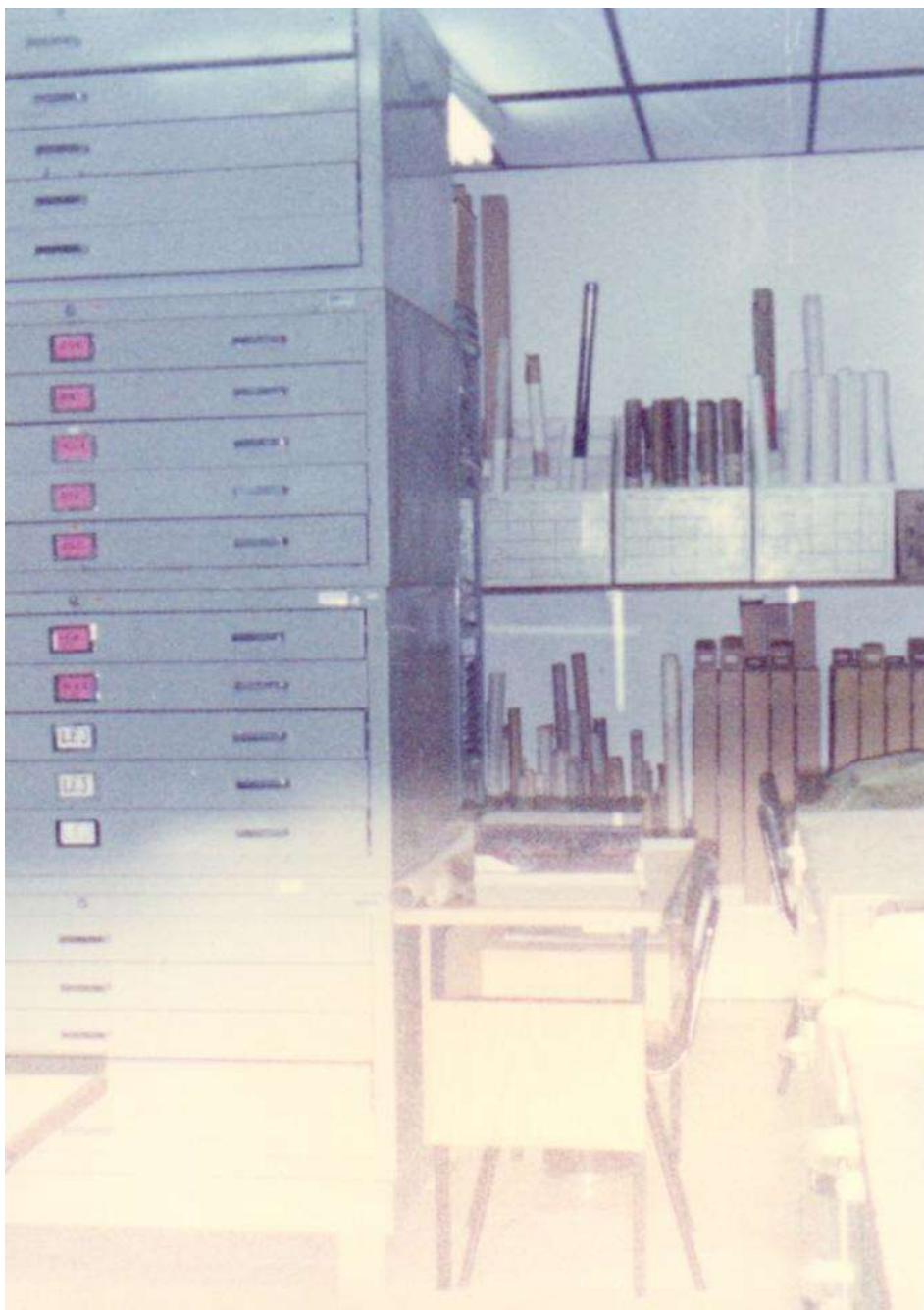
Funcionárias Elisabeth Beisl, Rosário Cardoso, Carmelita Estaban e Hilda Conceição. Sede Vale dos Barris. 2002



Funcionários: Rosário Cardoso, Carmelita Estevan, Elisabeth Beisl, Hilda Conceição e José Luiz;
arquiteto Toni Bitencourt. Sede Vale dos Barris. 2002



Estudantes pesquisando. Sede Vale dos Barris. [2002?]



Cartografia. Sede Vale dos Barris. [200?]



Disposição do acervo. Sede Vale dos Barris. [200?]



Pesquisadores na Biblioteca. Sede Vale dos Barris. [200?]



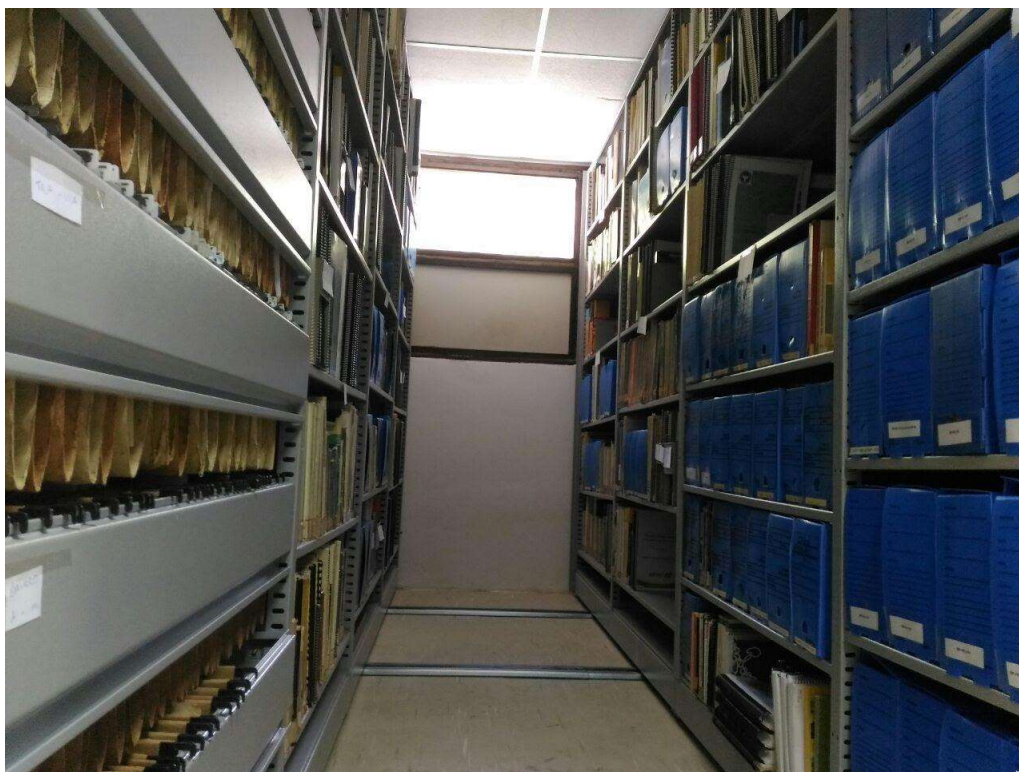
Treinamento do Sistema PHL. Valdinea Barreto (instrutora), Carmelita Estevan, Luciana Martinez, José Luiz Reis, Rosário Cardoso, Lucimar Oliveira e Hilda Conceição. 2012



Montagem do arquivo deslizante. Sede Vale dos Barris. 2017



Arrumação do acervo no arquivo deslizante. Hilda Conceição, Luciana Dórea, Bárbara Cirineu, Joseane (estagiária) e Lucimar Oliveira. Sede Vale dos Barris. 2017



Acervo no arquivo deslizante. Sede Vale dos Barris. 2017



Cartografia no arquivo deslizante. Sede Vale do Barris. 2017



Inauguração do arquivo deslizante. Presidente Tania Scofield e o Secretário Luiz Carreira. Sede Vale dos Barris. 2017



Inauguração do arquivo deslizante. Sede Vale do Barris. 2017



Visão do acervo. Sede Comércio. 2021



105

Visão do acervo. Lucimar Oliveira. Sede Comércio. 2021